

bem como as injustiças que, pela illusão do apparente, em Portugal se faziam, ao referido rei, aliás « em quem não havia mudança, nem o máo animo que se presumia. »

Em direitura, narra os desposorios, o assassinato de Coligny; finalmente, a matança geral. Eis como falla:

Chegou esta noticia a Lisboa, em 6 de Setembro por hum Postilhão, que o nosso Embaixador João Gomes da Sylva despedio de Paris a 27 do passado. Recebeo-a ElRey com grande alvoroço, e summo gosto de toda a Corte; festejou-se com luminarias, e repiques de sinos de toda a Cidade, e outras demonstrações de alegria; e na segunda-feira logo seguinte 8 do dito mez, e dia do Nascimento de nossa Senhora, se fez uma solemne Procissão de Graças a Deus por aquelle bom successo dos Catholicos de França; na qual foy o Cardeal Infante D. Henrique, levando as Reliquias debaixo do Palio, e o Senhor D. Duarte com toda a Fidalguia; ElRey não foy nella por estar doente sangrado, e sahio da Sé para S. Domingos, onde pré-gou o celebre Varão Fr. Luiz de Granada da mesma Ordem, oraculo d'aquella idade; no fim do sermão, que todo foy de graças, e agradecimentos a Deos pela victoria que dera a ElRey de França, leo ao Auditorio a carta do Embaixador, para que todos tivessem inteira noticia, incitando-os a dar graças ao Senhor por favorecer aquelles Catholicos, que tão arriscada tinham a Fé, ou a vida.

Então se descobrio como a Armada que estava a ponto de partir, se fixera não só contra Turcos, mas tambem em favor delRey de França; porque estava assentado com grande segredo, que se lhe não succedesse bem naquella execução, e corresse perigo pela grande potencia, e seguidores do Almirante, lhe accudissem os Reys de Portugal, e Castella, e o soccorressem com suas Armadas, que estivessem a ponto de partir, como estirão, esperando o aviso que se lhe havia de

mandar ás vinte ; Deos foy servido que elle viesse tão bom como veyo, para gosto de todos, que foy tambem muito festejado em Castella.

Chegada esta noticia logo ElRey mandou visitar o de França, e dar-lhe o para-bem do seu bom successo, pedindo-lhe, que não perdoasse a os inimigos da Fé Catholica, e os perseguisse até o fim, e total extincção de todos elles, offerecendo-se para o ajudar no que podesse, para o que estava prompto com a sua Armada, que se não empregaria em outra empreza sem seu aviso. A qual offerta lhe tinha já feito antes, quando o admoestou que não fizesse paz com os Herejes.

Continuãrão-se os avisos, e por elles se foy sabendo como se proseguirão as execuçoens em França, em Paris, em Leão, Orlioens, e Bordeus, e nas mais Cidades, e Povos della, onde muitos se reduzião, detestando os erros, em que vivião.

Desta sorte ficou ElRey D. Sebastião livre do cuidado de França, e de mandar lá a Armada, chamada do Senhor D. Duarte, porque hia por General della, tão custosa, notavel, e afamada, acudindo Deos por sua misericordia com o seu favor ao miseravel estado daquella Monarquia, *pela intercessão do seu servo S. Pio V que tanta diligencia fez em vida pelo conservar na pureza da Religião Christã, Fé, e obediencia da Santa Igreja Romana, com admoestaçoens, com soccorros de gente, e dinheiro, até lhe grangear o favor dos outros Príncipes, como se tem visto.* Ficou a fama celebrando este notavel successo com o titulo de *Matinas de S. Bartholomeu.*

Illuminam tudo estas inconscientes indiscripções, peculiares da obnubilação do senso moral, obliterado pelo orgulho dogmatico d'um religiosismo absolutista. A esta luz, é então agora interessantimo, e eminentemente educativo, ler as longas passagens da biographia de Francisco de Borja pelo jesuita Cienfuegos, no tocante á missão do cardeal alexandrino. Tudo

subitamente se torna claro; o culteranismo pretencioso mostra-se a capa indispensavel; a periphraze arrevesada interpreta-se com naturalidade; o estylo abstruso vê-se que não passa de uma necessidade prudencial. E' fulminante!

No capitulo xiii do livro v, Alvaro Cienfuegos nos dá relato de como sahio Borja em obediencia da Séde Apostolica com o cardeal alexandrino ás côrtes de Hespanha, Portugal e França, e da veneração e real apparatuso com que em todas as partes foi recebido, especialmente de el-rei Don Philippe Segundo, e da humildade invencivel com que furtava o corpo á honra e ao applauso.

Mostra as disposições adoptadas pelo papa:

Despachó à Polonia, y despues à Alemania al Cardenal Comendano, y con el al Padre Francisco Toledo. A Francia, Portugal, y al Rey Catoico embió al Cardenal Alexandrino, Miguel Bonelli, sobrino suyo hijo de hermana, y grande honor de la Religion Dominica, acompañado de el Santo Borja, de cuya autoridad en las Cortes de Portugal, y España esperaba el mas feliz exito en esta ardua empreza, y mandó à su sobrino, que no declinasse un punto de este blanco, porque la cabeça de Borja era el nido de el acierto: y assi queria que fuesse el arbitro en este rumbo, pues le fiaba el timon de la Nave el Piloto, sirviendo la presencia del Cardenal, *no tanto à la direccion, quanto al respeto.*

Com o Borja teve Pio v seguidas conferencias:

Llamido repetidas vezes aquellos dias, participòle otras maximas secretas (y en el siguiente Capitulo dexaremos ex-

pressadas algunas) fiandolas de su zelo todas, despues de haberle pedido dictamen en ellas.

Finalmente poz-se a expedição em marcha.

Salieron, pues, de los muros de la Ciudad santa, el Cardenal Legado, y el General Borja, Hijo illustre, aquel del astro de mas benigno fecundo aspecto Santo Domingo, y este del Patriarcha divino San Ignacio: ofreciendose bien digna reflexion à la pluma, al representar vnidos vn heroe Dominico, y otro Jesuita, caminando por la Europa à *las empressas mas arduas de la Iglesia, y en que se interessaba tanto la mayor gloria*. Acompañaban al Cardenal Legado, incorporados en su familia algunos de los primeros hombres de Roma, que ilustraron la Mitra, la Purpura, y el sabio Aldrovandino la Tiara, disponiendo esta expedicion la Providencia, porque en los procesos despues tuviesse tan condecorados testigos la santidad del Borja.

O qual nunca deixou de dizer missa, ainda que não poucas vezes preciso se tornava que se levantasse altar pelo campo

y cerca de el medio dia por el Agosto exponia la cabeça al incendio, con assombro del Cardenal Legado, y del insigne Aldrovandino, que despues fuè Papa Clemente Octavo.

No capitulo xiv, Cienfuegos especificadamente falla da honra com que Borja foi recebido na còrte de Madrid, escutando sua voz o rei Philippe II qual resposta de oraculo; e mostra como tractou com feliz exito os encargos que a seu cuidado commettera o papa Pio v. A manha jesuítica manifesta-se aqui á maneira

do prestimano que, chamando a attenção do espectador para ponto do palco que não interessa, a desvia de onde não convem que elle a fixe. Assim, Cienfuegos se despende ácerca de competencia supposta renhida entre os tribunaes reaes e o ecclesiastico. Mas, applacando-a a favor d'este (já se vê), o seu chronista não se esquiva de mostrar como o Borja santo á santidade jungia a positividade. Assim quando visitava com a maior frequencia que a multidão de cuidados lh'o permittia à *su Venerable hermana Sor Juana de la Cruz, Abadesa de las Descalças Reales.*

Ni atendia solo a cultivar el espiritu, sino tambien los intereses del Convento. Alcançò facultad de Pio Quinto, para que pudiesse reconocer, y aprobar el Cardenal Legado vnas escrituras, que hizo la Princesa à favor del Convento (sobre que avia expedido tambien vn Breve Pio Quarto), y necessitaban de este alto apoyo, segun las leyes de su instituto. Mas porque la Princesa, y muchos sabios que consultaba, avian formado prudente duda, si algunos de los caudales, con que subio por el viento esta fabrica, fuessen de libre disposicion suya; aviendo traído de Lisboa alguna riqueza; consiguiò del Rey Don Sebastian el Santo Borja en esta jornada, que diesse libre facultad á su madre la Princesa Doña Juana, para que expendiesse á su arbitrio aquella suma, y que si fuesse menester arrancaria los diamantes de mas fondo à su Corona.

Apalavrou-se recatadamente Borja com Philippe e a tudo deu prospero remate. Primeiro:

Recabò todo lo que Pio Quinto deseaba en los esfuerzos de la liga con segunda Armada mas poderosa: *y en los medios de extinguir la fatal hoguera, en que ardia la Francia.*

Depois entremeia o ladino jesuita com insignificancias, para cuja consecução embaixada de tal porte demasiadissima freima seria. Mas particularissimamente:

Otro grande negociado tratò à solas con Filipe Segundo, sin intervencion de otro Ministro, que diò proliza materia al discurso, y al ocio cortésano; no se descubriendo vn rayo de lux, que guiasse la raxon ò la congetura axia el asunto de esta conferencia: y solo puedo averiguar entonces la malicia, y aora la pluma, que esta fue la mas difficil, y mas alta empresa de Borja, y la dexó felizmente concluida à satisfacion del Papa.

Após habilidosos enredos, Cienfuegos indica ao leitor a prosecução do mysterioso emprehendimento:

Disponia su marcha à Lisboa, porque *las dependencias daban prisa*, y era fuerça caminar en ellas, à compàs de el tiempo, *aventurandose en cada instante un siglo*. Despediõse enternecido de su dueño el Rey Catolico, que no se bastò à si mismo para reprimir el llanto, y le encargò tratasse con el Rey de Portugal varias dependencias, que pedian toda su reflexion.

Chamando Borja por seu genro o marquez de Denia, gentil-homem da real camara, a Philippe Segundo por elle lhe mandou uma cruz formada do Santo Lenho e com ella um papel, segundo seu biographo, *discretamente devoto*. N'elle lhe assegurava que sempre supplicava ao Eterno Senhor

por la salud, y acrecentamiento de Vuestra Magestad, pues este se emplea todo en acrecentar la Santa Iglesia, para gloria de el que desde el Cielo la gobierna.

Apreciou em muito o rei a dadiva, pela veneração que professava a tam divino Lenho, e por vir do coração de Francisco, a quem respondeu logo, por propria mão, ao Borja exorando que em suas orações o não esqueça, pedindo a Deus que em seu serviço lhe empregue o poderio.

Y aunque sè el cuydado que vos teneis siempre de pedirlo, os encargo agora, que lo lleveis adelante, *y tan particularmente, como reis, que es menester.*

Cienfuegos obstina-se em dissuadir de seu leitor possiveis presumpções, insinuando-lhe que se mallograram os fructos d'esta embaixada, « quando les iba dando el tiempo la sazon vltima, y avian condescendido à sus representaciones todos los Principes de la tierra. » Como o cadaver do assassinado emergindo dos torrões que de fugida lhe deita ao de sobre, allucinado já, o assassino, assim a verdade braceja do monturo sanguinoso d'estas rhetoricas especificantes. No capitulo xv entra o Borja santo, acompanhado de excelsas honras, na cõrte de Portugal; e alcança do rei Dom Sebastião tudo quanto o Pontifice desejava a favôr da liga... contra o Turco... e contra o Huguenote.

Era embaxador de el Rey Catolico, en aquel Reyno Don Juan de Borja su hijo segundo (favorecido singularmente de la Reyna Doña Catalina por esse respecto:) : y asi fue su principal instrumento en muchas grandes dependencias, que el Rey le avia fiado. Aplicaba el Padre Francisco su energia toda al asunto de su Embaxada, . . . Pidiò al Rey en la primera audiencia secreta, que entrasse gustosamente en la liga, lo que

ofreciò inflamado en real saña aquel valiente espiritu, à quien era poco teatro el mundo.

Aqui é o lance, para o jesuita que o conta, consoante o fôra para o que urdira a teia, de ao espirito de quem lê o enrodilhar no pretendido empenho pelo papa posto em casar D. Sebastião com Margarida, filha de Henrique II e irmão de Carlos I, rei de França. E é habilissima a evasiva como se attribue á rasão politica que governava a França o enlace que se accusa de ter sido forjado pelo machiavelismo, quando elle era a pedra essencial do jogo ultramontano; d'ahi vinha a attracção dos dissidentes provinciaes á capital, onde se acabaria com elles todos juntos d'um golpe só, maxima esta bem idonea para essas peculiares *que empezaron festivias, y acabaron tragicas*. Convencido do Borja, escreveu Dom Sebastião ao papa, em 20 de Dezembro de 1571, uma carta, *y Pio Quinto à cada renglon, y aun à cada letra levantaba los ojos al Cielo, de donde bolvian llenos de rocio sagrado*.

Sahiram Borja e o Legado da côrte de Portugal, volvendo á de Madrid, onde se detiveram pouco tempo.

Avia dispuesto el Rey una galera, en que Borja se embarcasse la buelta de Italia, quando llegò vn expresso de Pio Quinto al Cardenal Legado, con orden de que passasse à la Francia tambien el Padre Borja (lo que, ò no avia hasta entonces ordenado el Papa, ò avia representado algun motivo el Santo Borja) cuya eloquente lengua fue vivo caduceo de Mercurio en tan repetida embaxada por la Europa.

No capitulo xvi passa o terceiro geral dos jesuitas, com o cardeal legado, á côrte de França em busca

N. do rei Carlos IX; e, pizando as terras da heresia, *sintió calara la punta de vn puñal hasta el alma, y que el zelo santo convertido en aspid se iba mordiendo la vida.* Aquillo que estava por agora acontecendo em França, o havia prophetisado dez annos antes o Borja santo, quando de Roma escrevera ao padre Ribadeneira, que se encontrava á data na Sicilia. E já então o pio homem aconselhara lenamente o exterminio: *Quien duda, sino que seria misericordia in chamo, et froeno maxillas eorum constringere, à trueque de que no anduviessen los hombres tan desenfrenados, y tan sin verguença.* Com a reproduzida metaphora do dia e tempo da ira do Altissimo, punidora do peccado da heresia, disfarçou ahi o numen de Borja tragedia lamentavel, não a que frisa Cienfuegos, senão sua mesma revindicta e proprio castigo (*descuydandose algunas vezes en descubrir mucha lux su pluma*).

Melindroso dia votivo, dispoz-se Borja a dizer missa; porém a furia iconoclasta tudo despedaçara e dispersara. Sentiu o coração de Borja egualmente arruinada sua vida como o estava a religiosa fabrica; mas, porque trazia comsigo ara, ornamentos e todo o preciso, para se succedesse celebrar em descampado, não havendo templo, disse missa, se bem que penetrado da neve e da chuva que por todos os lados o inundava; e assim *sacò de este Altar aquella mortal dolencia, de que espirò à la fin de esta jornada, siendo el zelo de la Casa de Dios el homicida del Santo Borja, que esta vez supo sacrificar sobre una ara su vida al autor de ella.*

Dita esta pia blasphemia, que constitue a trama do processo da canonisação, Cienfuegos nos mostra a crescente exaltação do fanatismo catholico do jesuita, que ao Céu com fervôr pedia, a porfiados rogos, que o deixasse chegar a Roma, *assi por dàr entero cumplimiento à lo que le mandaba Pio Quinto, y vèr si pudiesse influir alguna tranquilidad en aquel mar tempestuoso* etc. A tranquillidade seria a dos cemiterios, porque a fé não discute nem tolera; seria a matança geral. Não crês? Desbaratas ainda? Morre. Instava o Cardeal Legado pelo vêr convalescido, mas Borja rogou-lhe que não suspendesse nem uma hora o caminho, porque elle esperançava-se em que os vi-taes espiritos o não abandonariam *hasta que respirasse fogosamente algun aliento à las reales orejas de Carlos Nono.*

Aqui a narrativa esconde-se na dissimulação; tracta-se de envolver o leitor nas malhas da mentira que convem: isto é, de que o proposito pontificio estava em dissuadir o casamento do bearnes na casa real de França.

Este era el deseo, en que ardia el coração de Francisco, por derramar toda su eloquencia, y agotar à los ojos su llanto sobre este ponto. Añadiò espuelas à su pecho el aviso de que la Princesa de Bearne (que alimentaba su ambicion con el engaño, y su entendimiento con la ceguedad de Calvino) caminaba a Bles, à preocupar el real animo con dulce veneno; aspid enganoso, que no solo obstinaba à la Fé su oïdo, sino que volaba à cerrar el de Carlos Nono, porque la Religion no se difundiesse à todo el Reyno por aquel real conducto. Y Borja, aunque rendido à la violencia de el mal, que le despedazaba el

cuerpo, se hizo conducir à Blès moribundo, por hallar desembarazado el passo, y preocupar aquel noble sentido, porque no le previrtiesse el canto alagueño de aquella sirena, escollo infame de la Religion en la Francia.

Ao padre Nadal, seu vigario em Roma, Borja por então escreve que não havia tempo nem palavras bastantes para contar suas continuas dôres, corporeas e muito mais do animo.

Mas se exponia gostosamente à este martyrio solo por llegar à tiempo de romper, ò embarazar aquella cadena, que iba juntando ya los eslabones infelices à la Francia en el tratado de el Principe de Bearne con Margarita.

Obedeceu o Legado á voz de Francisco, *como sonido de el Espiritu Santo*, mas com a condição de que elle algo condescendesse com seu rogo e caminhasse mais lentamente em seu seguimento, *pues bastaba que el Cardeal se adelantasse à sitiarse aquel Real animo, entre tanto que llegasse su eloquencia de refresco à darle socorro, y à dexar conquistado, ò no sino bien fortalecido aquel alcaxar sobervio:*

Rendiò-se Borja à la razon, y à la autoridad de el Legado, que entrò en Blès (donde se hallaba la Reyna madre com el Rey su hijo) el dia seis de Febrero, y el Santo el dia ocho, tiempo, que las Carnestolendas hazian festivo, disfraçando en regocijo su infeliz estado aquel triste Reyno, que solo estaba capaz de llanto (tan importuna, y tan mentirosa suele ser la alegria en el mundo.) Grande trecho antes que llegasse à Blès el Santo, saliò el Rey Carlos vestido de un bizarro disfraz, en que el desaliño era gala, y cuydado, acompañado de los Proce-

res de el Reyno, à recibir al Padre Francisco, favor, que aunque le dexaba confuso, hizo que rayasse por entre la misma confusion la esperança de hallar grato aquel oido, pues reconocia en este excesso obsequioso, *que estaba bien dispuesto el Real animo de Carlos Nono (que si huviera respirado mas tiempo, huviera dado à entender al mundo que avia Rey en la Francia, y Dios en Israel.)*

Não cabem na penna de Cienfuegos os favores, ou antes excessos, que mereceu do rei Carlos o humilde Borja. Causava, exclama, raro assombro vêr o Borja divino (*sic*), quando o mal o havia reduzido ao mais lastimoso estado, não podendo manter-se em pé um instante só, e lambendo aquella febre todos os espiritos ao corpo, ir, apezar de tudo isso, a Palacio, *à soplar en el pecho de aquella Real joven inextinguible llama contra la faccion Hugonota.*

A vez primeira que entrou a beijar a mão, depois de haver-lhe dado o rei alto singular tratamento, a que não pôde resistir Francisco (*y mas que se hallaba arrebatado de vn grande pensamiento*), cedendo d'essa feita a humildade o campo, mas não podendo já reprimir suas impaciencias ao zelo, orou ardentemente pela causa de Jesus-Christo (*sic*), *empexandò su eloquencia en ademàn de irritada.* E' uma impetuosa rajada funebre.

Censura o rei por haver admittido e honrado ao almirante Coligny e demais cabeças d'aquelle heretico partido, *por mas que oculte alguna grande maxima nacida en las profundidades de vuestro dictamen soberano.* Eis o audacioso *alibi* de pessoa, justificativo,

a posteriori, após o facto consummado, posto á guisa de discurso na bocca do proprio fautor *a parte ante*, para com seu cumplice *a parte post*, o incitador deitando as culpas da iniciativa na responsabilidade submissa do incitado.

Vindo ao da alliança contra o Turco, Borja a Carlos Nono pondera que cada victoria que ganhe a liga, ainda que seja nas paragens mais remotas da terra, se consegue dos huguenotes da França, *porque se va haxiendo formidable à sus enemigos la Iglesia, y pone ossadamente la planta sobre la cerviz de la ossadia*. N'aquella occasião, a espada do rei de França não pode parecer mais airosa *que desembaynada contra los enemigos de la Iglesia*. Como o Turco, e mais do que elle, o Huguenote o era.

Satisfixo el Rey à todas las representaciones de Borja, sin que pudiesse quedar quexosa la menor pregunta, ni expresion alguna de la eloquencia. Mas Borja no ignoraba la cautela, con que devia proceder entonces la credulidad en vna respuesta politica, que influia desde su retiro el oraculo secreto de la Francia.

Sem embargo, aqui volve o embuste; reapparece o retornello. Diz-se que Borja logo passou a manifestar o desejo que acalentava o coração do monarcha lusitano e do papa Pio Quinto, de que merecesse Portugal a Madame Marguerite por sua rainha: materia em que o rei e Catharina de Medicis, sua mãe, se assevera que responderam sempre com ambiguidades de oraculo ao Padre Borja, *porque ocultaban otra maxima, que*

solo tuvo de discreta el comun argumento de aver sido poco dichosa.

Mas a restea de luz rutila tambem de novo n'esta proposital penumbra, pois que do aposento do rei foi o jesuita conduzido á estancia onde demorava a rainha mãe. De impeto, encetou seu arrazoado o Borja *con elevacion divina.*

Escuchaba muda la atencion en la Reyna, y ni la oracion pudo ser de mas afluyente energia, ni pudo tener oyente mas capaz en la Europa: *assi durò mucho rato este congresso.*

Ao santo Borja, no cabo, exorara Catharina de Medicis que do Céu impetrasse alguma tranquillidade a tam infeliz monarchia

y el acierto al Rey Carlos su hijo, *en quien ella ofrecia inspirar todo lo que Borja le avia dictado.*

O proposito firme de para com a Historia a responsabilidade do crime a fixar á casa real de França accentua-se nos juizos ácerca do equilibrio politico procurado por *aquella prudente Sybila, cuya lengua enfaticamente misteriosa pudiera competirles obscuridad divina à las diex, que celebrò la pluma.* D'um coração pio e religioso, integras e perfeitas seriam as suas demonstrações, *si su politica raxon de estado tuviera vn poco mas teñidas las máximas en el color de las del Evangelio.*

Por isso tudo, *estaba mal satisfecho el Cardenal de las equivocadas respuestas, que escuchaba en la boca*

*de el Rey; e passando aquella sabia Purpura a que decifrasse seus enigmas a Rainha, entrava em outra região mais ambiguamente confusa, escutando uma nevoa em cada palavra. Sendo uma secreta inspiração da Rainha cada clausula obscura que o Rei articulava, era recorrer a buscar uma lanterna á gruta do oraculo, que escurecia a resposta; *si bien algunas proposiciones fueron respondidas sin aquellas perplexidades politicas de vna sagacidad enganosa, que calla todo lo que dize la lengua.**

De sua mão tirou o Rei e á do cardeal alexandrino passou um diamante prodigioso, que abreviava em circulo pequeno os fundos a um astro, favor que recusou constantemente o Cardeal, *sentido de hallar mas lux en el diamante, que en las respuestas del Rey.*

Temperava Borja este desaire, procurando adivinhar suas significações lubricas á ambiguidade, voltando a escutar sombras outra vez, por se acaso seu discurso pudesse exprimir-lhes alguma pequena luz. *Pero . . . aquel Monarca no podia sacar anticipadamente à publico los designios, que tenia altamente premeditados, sin que los llorasse abortos.*

E' hoje obra bastante rara a *Historia de varoens illustres do appellido de Tavora*, impressa em Paris, em 1648, por Sebastiam Cramoisy. Quasi para o fim do volume se tracta dos serviços que fez Lourenço Pires de Tavora até sua morte, assistindo ao Conselho-de-Estado de el-rei D. Sebastião; ahi, já em geitos de remate, se nota como, continuando Lourenço Pires no Conselho, em que sempre se fez grande logar,

se preparou no anno de 572 aquella grande armada, de que ainda durava a memoria n'este reino com o nome da Armada do Senhor D. Duarte, por ser elle nomeado seu General. Esta armada fôra *ordenada por fundamentos tam pouco penetrados da gente, que sempre se falou nella com duvida e incertexa.* Mas o que por algumas boas relações se podia ter por mais certo era que se principiara com desenho de a mandar em favor da Liga contra o Turco em que el-rei, a persuasão do papa Pio v, que o mandara exhortar pelo cardeal alexandrino, com tanto fervor tinha entrado que, propondo-se-lhe então o casamento da irmã do rei de França que dous annos antes se lhe não admitira assás seccamente, elle o acceitara agora sem querer outro dote mais do que o entrar na liga, conjunctamente com elle, o rei seu presumpto cunhado (*tanto resplandeceo nelle o zelo da nossa religiam, e o odio de seus enemigos.*) Depois se continuara na mesma armada, e ainda com mais esforço, pelo cuidado em que metterá as costas e conquistas de Portugal e Castella outra muito poderosa armada que o rei de França por esse tempo apparelhava nos seus portos. Na verdade, traição parecera, pois, após á mesma irmã de cujo casamento actualmente se tractara com el-rei Dom Sebastião a haver casado com o Principe do Bearn, hereje então, com grande escandalo da christandade catholica, se conjecturara, d'estas e d'outras demonstrações, que queria mover guerra ao rei D. Philippe e aos demais principes da liga a que pudesse offender, aconselhado e instado do almirante de Fran-

ça Gaspar de Coligny, cabeça dos huguenotes d'aquelle reino, *posto que segundo depois descobrirã os effeitos, parece (iulgando mais piamente) que foi encaminhado tudo a descuidar os mesmos herejes, para facilitar a execuçam chamada das matinas de S. Bertholameu que em seu dia 28 de Agosto deste anno em huà mesma ora mandou fazer nelles com a morte do mesmo Almirante, e de quaxi todos os mais de sua seita que se acharã em Paris onde e nos mais lugares daquelle Reyno que seguiram este exemplo se affirma que forã mortas passante de vinte mil pessoas.*

Havia um papel original de Lourenço Pires com algumas advertencias boas que déra a el-rei a quando se tractava d'aquella armada; esse papel se referia, porque tambem dava luz dos intentos com que se ordenou; ahi se lê: «Inda que nos aiamos de defender com armas cumpre seia tambem com industria para entreter tempo *em que succedem couzas que podem mudar grandes alteraçõens*, e para isso he necessario responder ao que escreve *Joam Gomes da Silva* e logo procurar paleaçõens de iuizo para os comérçios que os Francezes pretendem falar com os priuados de El-Rey.»

Mas o mixtiforio d'estas confusões viria esclarecel-o o padre Bayão. Vimol-o.

E, revertendo, por tudo e por todos, novamente se constata o irrefragavel, e é que, attingindo a maturidade, D. Sebastião era o nosso rei representativo, o qual, predestinado, iria realisar o sonho collectivo.

Sómente, nascera um degenerado! Como, no acume do fim, elle estava rematadamente louco, comprometteu tudo e a todos perdeu, levando Portugal á carnificina ingloria de Alcacer-Khebir.

Ahi, cahe, emfim, Portugal; a absorpção por Castella, mercê da fraqueza lusitana, torna-se inevitavel; porém, mesmo ahi, menos do rei ideal são os queixumes do que ainda para a politica (de que elle deveria de ser o desmentido e para ser contra a qual elle viera ao mundo) é que convergem fundadas recriminações. Até para o remedio da propria crise da loucura sebastica.

Assim, na *Chronica*, a D. Manuel de Menezes commettida, em prol do Desejado, capitulo ponderoso é o que diz «Da prosperidade dos Reynos de Portugal, até o tempo del-Rei D. João III, e como depois foy descaindo»; e, dizendo, diz: «Mas por occulto juizo de Deus, a que a razão humana não póde dar alcance, premitio elle como esta felicidade acabasse, começando a descer, como por degráos, até de todo vir a perder o resplendor da sua gloria com a Coroa, e nome dos Reys de Portugal, e já em vida do dito Rey se começou a conhecer esta declinação, largando em Africa aos Mouros as cidades de Çafim, Azamor, Alcacer, e Arzilla, com grande sentimento de quantos ponderavão quanto tinham custado a Conquistar, e sustentar, e quão convenientes ellas erão, mas esta perda se reconheceo muito mais depois á nossa custa, e para nossa desgraça, podendo aquelles Lugares servir de azilo, e valhaçouto quando alli se perdeu El-Rey

D. Sebastião, e com elle o Reyno todo, passando ao dominio de Castella por espasso de sessenta annos, que foy a mayor declinação, a que podia chegar: ...»

Esta maior declinação seria, finalmente, a definitiva? Irremissivel, seria emfim a da morte?

De par com os proprios, chegou Portugal a conceber os lances supremos e representativos, a quando a Igreja commemorando está o drama sublime da Paixão; então, aos seus fieis, considera-lhes os transees do martyrio symbolisante, desde que o mestre transcendente vem, a mais e mais, invadindo o limiar de morte; assim, se chega a esse episodio pungitivo, scena d'angustia innenarravel, que a piedade christã, de longo tempo, poz em logar á parte, sob o nôme de «agonia de Gethsemane», e á qual, nas horas de tristeza dilacerante e de desespero, volvem, de preferencia, as almas religiosas, lavradas pela dôr, para n'ella haurirem resignação e coragem. Este é, disse, dizendo-o, Albert Réville, recente critico do relato evangelico, o episodio porventura o mais tragico da historia do Christo, «um d'esses episodios de que se não perscruta o fundo senão com a circumspecção timorata do medico que sonda uma ferida dolorosa através da carne viva.» E o nosso mystico Thomé de Jesus, suavemente discorrendo dos trabalhos do rabbi divino, quando lhe toca o exercicio da oração do Senhor: *Padre, se possivel, passe de mim este calis; mas não se faça minha vontade, senão a vossa*, é magnificamente bello no rapto em que se increpa: «Oh miseravel de mim, oh miseravel e cem mil vezes miseravel de mim! Eu

cuido que me entendo e que sei o que me cumpre. e não vejo meus enganoses e males... Affeição ou paixão me cega em minhas cousas e não vejo o mal que está por vir e que me faço; sei de bens fazer males e nenhum mal sei mudar em bem; sei peccar e não me sei... arrepender; sei carregar-me de trabalhos e sei-me metter em tentações, occasiões e perigos, mais do que tenho forças nem saber para sahir d'elles; sei destruir e damnar em mim quantos bens...; e, por derradeiro, depois de perdido, e sem remedio, e cansado de mim e do em que me metti, ainda presumo de mim e não me rendo... Oh cegueira e miseria minha, vejo como cego, governo-me como ignorante, quero e não quero como malicioso, consolo-me como bruto, desconsolo-me como fraco, e não acabo de me render...»

Estremece-se ao pensar-se que estas palavras poderiam ser pronunciadas, não por um portuguez isolado e só, mas pelo colectivo Portugal, n'um unisono d'unanimidade. Hontem como hoje. Esse Portugal, que vê como cego, que se governa como ignorante, que quer e não quer, que se desconsola como fraco e que rejubila como esquecido, não acaba de se render nem á evidencia das rasões, nem á culminancia das urgencias. Mettido em occasiões e perigos, não tem forças nem saber para d'elles sahir. Hoje como hontem. Ao affligido Portugal, por adequado envio, para que os medite nos proprios, se endereçam os *Trabalhos de Jesus*, compostos em escuro captiveiro; mas, alheado, de começo, se a melancholicas ponderações entre-

gue, nenhum aviso, talvez, estimulando-o, o incitaria, n'esses momentos tôrvos, immediatos ao rude golpe subitaneo, em que a mesma memoria das affrontas, no espirito das nações, envenenadas por um falsificador ensino consentaneamente coevo, quasi que ameaçaria successivamente esmorecer, até de todo, talvez, com desdouro eterno, se delir.

Pobre Portugal, amortalhado e morto !

Pois que assim, novamente, os denominassem, nos *Avixos do ceu*, explicando de Portugal em mão extranha *como estão para amortalhar o reino, e da pressa que lhe dão para o enterrarem*, o antigo Luiz de Torres de Lima rompe exclamando n'uma desesperação allucinada: « Bemaventurados os mortos, pois não vêem o que nós vemos, e tristes os vivos, se sentem o que é razão que sintam ; que uns morrendo, triumpharam, honrados, e outros, vivendo, triumpham, d'elles abatidos. Pelo que, justo é que se chorem os males presentes e se sintam as glorias e contentamentos passados de um reino que, sendo um só na fama, na honra e no esforço, veiu a ser um só na desdita e na mofina, por culpa de peccados e por soberba de peccadores. Que uns amortalharam o reino, e outros querem-o enterrar, tendo-lhe já na vida inventariado a fazenda, para na morte a pretenderem alcançar, como inimigos que, apoderados da ambição, se fazem ajudantes de mortos, para virem a ser ministros de vivos.»

Mais tarde, o auctor referiu-nos que, havendo-o deixado anteriormente amortalhado, Portugal morrera,

com effeito, e diz-nos como «se lhe tolheu a falla, e com os olhos no ceu deu a alma a Deus, o corpo á terra, . . . a fazenda aos estrangeiros.» Remata: «O tempo levou a verdade, falsificou a honra, comprou a industria, tirou o credito, vendeu a razão. A fortuna deſterrou o zelo, acanhou as esperanças, trocou o poder, accrescentou a miseria e deu o louvor ao dinheiro. Os fados levaram o reino ás costas, nú e desamparado, e deram com elle na sepultura para sempre, que são juizos de Deus, que, posto que se possam conjecturar as cousas, ninguem póde saber os fins d'ellas, se Elle os não communicar, pelo que se deve, com muita razão, chorar de Babylonia o mal presente e de Sião, o tempo passado.»

Morrêra Portugal, na verdade ?

III

O ENCOBERTO

Não morrerá, porque o seu symbolo vivo não morrerá também; a sua encarnação heroica conseguira salvar-se, afinal, da desesperação sanguinosa da batalha perdida.

Mas, se não morrerá, onde estava então, que não volvia ao seu suspiroso paiz?

Que havia de extraordinario, almas mal nascidas e escassamente medradas em apoucada fé? Não morrerá como outros seus pares, de congeneres destino; e, como elles, estava fazendo penitencia, a pungir-se de seus peccados e a expungir suas lancinantes responsabilidades, ahi onde marcado lhe fôra, como esses outros o estavam, outrosim, ahi onde a elles pela mesma superna justiça marcado lhes fôra também.

Não morrerá, como não morrerá Arthur, que estava em Avalon.

Avalon, *Insula pomorum*; em kymrico *Afallenau*, *vergel*, e *Afallach*; em armoricano *Avalènn* (macieira); em gaelico *abhal* (maçã); em latim *Avallo*: tal é a resenha que nos proporciona, em seu copioso e curioso estudo sobre o *Elyseo transatlantico*, o snr. E. Beauvois.

Ahi, n'essa famosa ilha de Avalon, no paiz dos pomos encantados (que não menor papel representam entre os kymris do que entre os gaelicos), segundo a descripção que d'ella dá o Pseudo-Gildas, chamado *Britannicæ historicæ metaphrastes* por Usse-rius, seu editor, sabemos que todos os bens são em abundancia. Não é a concordia jámais lá perturbada; o peccado está d'ella ausente; todos alli vivem na alegria; não ha doenças; não ha velhice. Um heroe, vindo do paiz dos mortaes, occupa o throno a par com a virgem regia. «O Oceano cerca a ilha famosa, que não é privada de bem algum; alli não ha ladrões, nem bandoleiros nem inimigos para armar laços; não ha violencia, não ha nem frios nem calores iusupportaveis; a paz, a concordia, uma planturosa primavera lá reinam eternamente; as flores, lyrios, rosas, violetas, abundam; as arvores dão alli no mesmo ramo flores e fructos; sem estarem maculados de sangue, os mancebos alli cohabitam sempre com a virgem do lugar; não ha velhice, não ha doença, não ha dôr; tudo lá é repleto de jubilo; não ha propriedade individual, tudo se possue em commum. N'esses logares domina uma virgem regia, sem igual entre as bellas raparigas que a rodeiam; essa nympa de feições encanta-

doras, descendente de nobres avoengos, é sabia nos conselhos e habil na arte de curar. Logo que Arthur, gravemente ferido, houve deposto o diadema, e designou o seu successor ao throno, no anno 542 após a incarnação do Messias, dirigiu-se elle á côrte de Avalon, onde a virgem regia lhe pensou o ferimento e restituiu a saude ao enfermo; vivem elles juntos, se é permittido crêl-o».

O auctor anonymo da *Vita Merlini* poz uma descripção analoga na bocca de Taliessin, que conduzido havia Arthur para «a ilha das macieiras chamada a Afortunada, porque suas campinas para serem ferteis não carecem de ser sulcadas pela charrua do lavrador; sem cultura e simples e naturalmente, produz ella fecundas messes, uvas e maçãs em suas arvores não podadas; em vez de hervas o seu solo está coberto de todo o genero de colheitas. Lá vive-se mais de cem annos; nove irmãs alli submettem á lei do prazer aquelles que de nossas residencias vão a suas paragens; a primeira excede na arte de curar e ultrapassa as outras em belleza; Morgen, como lhe chamam, ensina o que cada planta tem de virtudes para a cura das doenças; sabe tambem mudar de forma e, como um novo Dedalo, fender o ar com suas azas e transportar-se a Brest, a Chartres, a Paris, ou então voltar a descer em nossas ribas. Dizem que ella ensinou as mathematicas a suas irmãs Moronœ, Mazœ, Gliten, Glitonea, Gliton, Tyronœ, Thiton e Tithen, a celebre musicante. Após a batalha de Camblan, para lá conduzimos Arthur ferido, tendo por piloto Barintho que

conhecia o mar e as estrellas. Á sua chegada, o príncipe foi acolhido por Morgen com as honras que merecia; ella foi deital-o em sua camara sobre luxuosos tecidos, descobriu-lhe a ferida com delicadas mãos e examinou-a attentamente: disse emfim que se encarregava de lhe restituir a saude, se elle quizesse ficar com ella o tempo necessario e submetter-se ao tratamento. Cheios de alegria, confiamos-lhe o rei e do tempo favoravel nos aproveitamos para nosso regresso.»

N'aquelle poema citado por J. H. Todd, em *The Irish version of the Historia Britonum of Nennius*, Arthur, encoberto sob um véo, era invisivel aos aventureiros que se approximavam do *recinto de vidro* (caer wydyr) adentro do qual elle encerrado se encontrava. Tres vintes de bardos occupavam as muralhas e difficil sahia entrar em colloquio com a sentinella. Seu retiro chamava-se em kymryco *Yuys Gurin* ou *Gwydryn* e em anglo-saxonio *Glaston* (mais tarde, segundo de la Villemarqué, localizado em Glastonia ou Glastonbury no Somerset), que significam nas duas linguas a ilha e a cidade de vidro. E toda a gente do paiz de Galles, com pouca excepção, cria ainda no tempo d'Alain de Lille, isto é no seculo XIII, que Arthur continuava vivendo em Avalon, e que de lá voltaria um dia para os libertar do jugo dos saxonios. O *Doutor universal*, como a esse escriptor denominavam, compara o retiro d'Arthur ao d'Elias e d'Enoch, que devem reaparecer no dia do juizo final para resgatarem sua nação; crê Beauvois que é por isso que

muitos outros documentos da edade-media fallam da estancia d'Arthur na ilha de Avallon. O encantado principe, segundo o poema em velho inglez sobre sua morte, para lá foi conduzido «n'um navio em que havia tres rainhas, entre outras a fada Morgan, irmã d'Arthur, e ademais Viviana, a dama do lago.» A mesma Morgan apaixonou-se por outro heroe, aquelle que nos nossos, como Jeronymo Moreira de Carvalho, o traductor seiscentista do castelhano da popularissima *Historia do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, é Urgel de Danôa. O fim d'este assemelha-se, de resto, ao de Arthur; depois que as fadas, suas companheiras, liberalisaram suas dadivas a Urgel de Danôa, Morgan additou: «Essa creança não gozará d'esses dons senão após haver sido meu amigo por amor e ter habitado o castello d'Avallon.» Urgel encontrou nos confins do paraíso terreal as arvores do sol e da lua e comeu de seus fructos, que tinham a propriedade de prolongar por quatrocentos annos e ainda mais a existencia de quem d'elles provasse. Por isso, egualmente pensa Beauvois que a contar dos fins da edade-media se havia espalhado a crença de que elle continuava a viver sobre a terra desde o tempo de Carlos Magno; e mui mais tarde os rusticos dinamarquezes, que o suppunham adormecido nas casamatas da fortaleza de Krouborg ou sob algum outeiro do seu paiz, nutriam a esperanza de que elle reappareceria nos momentos decisivos para lhes assegurar a victoria aos exercitos; Holger Danske, como elles lhe chamavam, tornou-se, pois, assim, para elles, o que era

Arthur para a gente do paiz de Galles, Carlos Magno para os francos e Frederico Barbaroxa para os alle-
mães.

Este logrou, ao clangor das pompas scenicas do theatro moderno, a invocação da musa grandiloqua de Victor Hugo, na trilogia obscura e forte dos *Burgraves*; porém; seu retiro é severo e mofino, aspero como a justiça, não o ridente sensualismo que coube em sorte a Arthur, de procedencias multiplas, como aquella a que se reporta d'Arbois de Jubainville, quando, cotejando o cyclo mythologico irlandez e a mythologia celtica, em adequada e sabia obra, falla de Manannân mae Lir e do heroe Cûchulainn. Ensina-nos que o nôme de Manannân mac Lir está mesclado aos successos epicos que formam o cyclo de Conchobar e de Cûchulainn e o cyclo ossianico. Reencontramol-o, finalmente, em um dos trechos que continuam até ao setimo seculo a historia epica da Irlanda. A mulher de Manannân era Faud, filha d'Aed Abrat, e deusa como elle. Um dia, abandonou-a; ella, para se vingar, buscou em casamento o heroe Cûchulainn, que tinha já uma mulher legitima, Emer, e uma concubina, Ethné Ingubai. Habitava uma ilha para onde attrahiu o heroe. Era o «paiz luminoso», *Tír orcha*. Loeg, cocheiro de Cûchulainn, que, primeiro que seu amo, foi, á laia de batedor, visitar aquella estranha região, voltou cheio de assombro. Havia visto uma arvore maravilhosa, bellos homens, mulheres bellas, vestidos de magnificas roupas, regalados de vitualhas, escutando uma musica deliciosa. Ora, é provavelmente d'essa

arvore que destacados fôram o ramo de prata de Bran-
mac Febail e o ramo dos pomos de ouro de Cormac.
Pode-sê ir ao cotejo das arvores do palacio subterra-
neo de Brug na Boinné, e o eruditissimo d'Arbois de
Jubainville diz, d'est'arte motivado, que por certo a ilha
d'Avalon, isto é da Macieira, no cyclo d'Arthur, toma
por sem duvida seu nôme d'uma arvore analoga.

Mas, culposo, como o nosso Sebastião, o Sebastião
dos allemães analogamente se mortifica. Pela tuba de
Victor Hugo, nos reconta:

J'.. ai fait pénitence; et, le genou plié,
J'ai vingt ans au désert pleuré, gémi, prié.
Vivant de l'eau du ciel et de l'herbe des roches,
Fantôme dont le pâtre abhorrait les approches,
Le monde entier m'a cru descendu chez les morts.

Chega a hora solemnissima.

Mais j'entends mon pays qui m'appelle; je sors
De l'ombre où je songeais, exilé volontaire,
Il est temps de lever ma tête hors de terre.

Tambem, na Russia, hoje em dia, dos affligidos da
injustiça, para que restabeleça emfim a foragida equi-
dade, alguns esperam que volte o idealizado Pedro
III; e na Servia é persistente a lembrança do seu
heroe incitador e recuperador.

Em Florença se estampou, a 16 de Fevereiro de
1865, obrasinha, de nobre intuito, que seria traduzida
para hespanhol e, com humanitario proposito, publi-
cada aqui no Porto. O trabalho se offereceu a Nicola

Tomaseo, de estirpe illyrica, por animo e arte italiano, annel vivente entre as duas patrias e as duas musas; a elle se lhe consagram aquelles versos, tomados dos cantos servios, que revelara á Italia; o auctor reconhece haver tirado aquella phantasia dos cantos illyricos, recopilados por Vuc Stefanovich, e traduzidos por Nicola Tomaseo, das tradições oraes dos dalmatas e das aspirações da sua alma. Publicando-os em prol dos polacos, insurrectos pela liberdade propria e alheia, quiz por essa fórma demonstrar que todas as nações são irmãs e todas as liberdades solidarias.

Como disse, no Porto, em 1865, apparecia o opusculo, estampado na typographia do hespanhol D. Antonio Moldes, *La fraternidad de los pueblos libres ó sea la resurrecion de Marco Cralievic*, phantasia dramatica de Francisco Dall'Ongáro, trasladada do italiano por Eduardo Ruiz Pons e revista por Romualdo Lafuente. Aquella versão se venderia a beneficio das familias dos feridos e victimas que fizera em Madrid, na terrivel noite de San Daniel, 10 de abril d'aquelle anno, o tyrannico ministerio Narvaez-Gonzalez Bravo, *cuyos actos bárbaros aprobaron unas cortes inhumanas, contrariando la opinion del pais.*

Explica-se o thema e o personagem: «Marco Cralievic, el Aquilles, el Hercules de la Serbia, caida la pátria en la servidumbre de los turcos, durmió 300 años sobre su espada, soñando el triunfo de la fé y de la libertad. Despertado por Karagiorgio en nuestros dias, se le vió combatir en la jornada de Misar, primer eslabon de la independendencia sérbica. Tipo ideal del

valor serbio, Marco vive todavia en la memoria de los suyos y en los cantares que las *Vilas*, divinidades tutelares de los eslavos, van repetiendo a los oidos del pueblo, para que no se vuelva á dormir despues de una primera victoria, ni deponga las armas, hasta que la cruz resplandezca en el Bósforo.»

Não proximamente, porém, com a Servia mas para mais desconhecida zona se denotariam as subjectivas affinidades de Portugal, cuja esperança em a resurreição e reaparição do seu chefe morto se manifestaria congeneremente.

Assim, sabe-se que é a Quetzalcoatl e aos toltecs que os mexicanos fazem remontar as suas primeiras noções nas sciencias, nas lettras, nas artes, na industria e na agricultura. Tinham-se elles dado conta do movimento dos astros, e tam avisadamente n'isto andaram que haviam estabelecido um computo soffrivelmente exacto mas posto haviam noções positivas ao serviço das chimeras astrologicas. Sob o nôme de Oxomoco, ou em collaboração com este personagem cujo sexo não está bem determinado, Quetzalcoatl tomou parte na invenção do calendario e dos vintes signaes, dos quaes cada um de per si, além de designar um dia do mez, servia tambem de letra, de maneira que pôde passar como Ogma por inventor d'uma arte d'escriptura mysteriosa. Ixtuxochitl qualifica-o, outrosim, de primeiro historiador dos indios; mas provavelmente é confusão com Huemac, que algures diz haver escripto, antes d'elle, os annaes dos toltecs.

A perfeição moral não o preocupava menos do

que os progressos materiaes. Quetzalcoatl prohibiu os sacrificios humanos ; não permittia que se offercesse aos deuses senão flores, borboletas, serpentes, caça. Mas teria de chegar o fatal momento, o momento dilacerante da separação. Quetzalcoatl enveredou caminho até ao mar, denominado Tlapalan ; por elle entrou e desappareceu após haver annuciado que voltaria em tempo opportuno.

Porque o fez ? Diz-se que, irritados por elle substituir as victimas humanas por serpentes, aves, borboletas, se puzeram a ridicularisal-o, a ultrajal-o e a mortifical-o, de maneira e geito a o forçarem a que deixasse o paiz. A' *pedra redonda*, dos sacrificios (que, para a sua interpretação systematica, E. Beauvois, discorrendo ácerca do Elyseo dos mexicanos comparado com o dos celtas, não se esquece de frisar vivamente que ella lembra d'um modo tam impressionante a *Crom Cruach*, a antiga gaelica curva sangui-nolenta), á *pedra redonda* affluam os fanaticos como victimas voluntarias. Brota de boa verosimilhança que os toltecs, crendo os deuses encolerizados pela abolição das hecatombes humanas, pensavam applical-os sacrificando-se espontaneamente. Demasiado era ; Quetzalcoatl, julgando que suas doutrinas, em vez de melhorar a sorte dos toltecs, ao contrario, não faziam senão peoral-a, abandonou a lucta desigual e tomou a resolução de se retirar. Dirigiu-se para a banda d'este por onde viera ; chegando ás costas do mar, estendeu o seu manto sobre a agua e, afoito, sentou-se-lhe em cima, segundo uns ; segundo outros, em-

barcou-se sobre *serpentes*, nôme que os antigos scandinavos davam a alguns de seus navios, acceite que seja a aliás engenhosa interpretação de Beauvois. Em uma terceira versão, descera para a agua e caminhara sobre o fundo do mar, que se abrira perante elle.

A opinião mais commum e corrente era que Quetzalcoatl partira para Tullan Tlapallan, onde o esperava um velho, mas deveria regressar remoçado. Tinha ido ajuntar-se a seus poderosos antepassados. Para os subtrahir á morte, com elle para lá levará Cetenctli, e tres dos principaes nigromantes de Tula: Matlaxochitl, Ozomatli e Timal. Seus partidistas e sectarios saudade sentida lhe professavam, como a um chefe cheio de humanidade e de misericordia, e aguardavam a sua volta qual a de um libertador, sendo, pois, com fundamento que o P. Sahagun o comparou ao rei Arthur.

Mas, por esse começo do seculo xvii, muitos indios o julgavam ainda alapado na gruta de Xicco, situada provavelmente na ilha d'esse nôme, em meio do lago de Chalco, a vinte-e-oito kilometros ao sudeste de Mexico, onde se usufruia o grato dom de se não morrer.

Ora, é de constar que se vê por um *Testimonio* das auctoridades de San-Salvador Quatlacincó que Ixtlixochitl elaborara antes de 1608 suas historias dos toltecs e dos chichimecs; e na *Quinta relacion de los reyes Tultecas y de su destrucion*, no t. ix, p. 332 das *Ant. of Mexico*, de Kingsborough, Ixtlixochitl escreve já assim: «Este rey dicen muchos Indios

que está todavia em Xicco y no se fue a Tlapalan con Nazahnalcoyotzin y Nezalmalpiltzintli, reyes de Tezenco sus descendientes, y Moquihnitzin de Tlatelulco, por que fueron los mas valerosos y a grandes hazañas que cuantos reyes han tenido los Tultecas y Chichimecas, y otras trescientas fabulas que aun todavia corren que han de salir de alli en algun tiempo, *como los Portugueses, que todavia creen que ha de volver elrei Don Sebastian, y que está vivo*, lo cual como se ha de creer que está todo mentira y fabula, como ya otras vezes tengo dicho.»

Porém que audaciosa approximação ousou a lingua temeraria do sujo barbaro? O Quetzalcoatl dos portuguezes, esse, vivo está; e demasiadas provas déram elles de que sabiam mover-se nos tenebrosos recessos dos mares, a fim de os descobrir ao mundo, para poderem ao mundo encobrir o seu salvador, e o dominador d'elle, em paragem aliás predestinada mas inaccessible.

Assim aos illusos lusos como que pertença sua se lhes figurou a descoberta e encoberta medieva ilha de San Borondon, em cujo mystico esconderijo se albergara emfim o seu repezo rei D. Sebastião, como já, victimas do desconcerto de outro seu rei malbaratado — o godo D. Rodrigo —, a seus penetraes se haviam endereçado os ancestraes foragidos da nossa invadida peninsula.

D'essa paragem mysteriosa chegara-nos, porém, informe directo, pela relação de dois religiosos, que viram e estiveram na ilha encoberta, incognita, ou Antilia.

A esta *Relação*, publicando-a como um dos documentos da primeira parte da sua memoria historica sobre o intentado descobrimento de uma supposta ilha ao norte da Terceira nos annos 1649-1770, o snr. Bernardino José de Senna Freitas a capitula de *risivel*, em 1845; mas já em 1762 o auctor da *Academia dos humildes, e ignorantes* buscava resalvar a respeitabilidade dos padres seus signatarios, fazendo-o por estes interessantes termos: «...o...», que no dito original se póde vêr, jurarão os Religiosos ser verdade; pelo que dou credito, que assim o virão: porém todos os homens de juizo, que tem lido este caso com as muitas novellas, que nelle se achão, assentão que tal ilha não houve, nem ha, e que de ar, ou agua a fingio o demonio nesta occasião para enganar a sinceridade santa destes exemplarissimos Religiosos, e com o seu testemunho jurado estabelecer neste Reyno a heresia politica dos Sebastianistas, cujo alicerce he este pergaminho, tão digno de riso como todos os mais fundamentos desta loucura mansa.»

Hoje todos os homens de juizo assentam em que pertence essa *Relação* ao typo, tam escasso entre nós, da historia lendaria, por intermedio da qual o povo revigora suas esperanças e ata os fuzis do cadeado tradicional. Em sua *Historia*, Oliveira Martins, esboçando uma visionaria theoria do sebastianismo, como fautor occulto da vitalidade nacional atravez de todo o nosso percurso historico desde Alcaer-Khebir, rememora que ainda conhecera, em sua meninice, um sebastianista, em Lisboa. Mais de um

conheci no Porto e em certo d'estes era-lhe a imaginação profusa em phantasiados descriptivos da ilha incognita; sempre lamentei que estes devaneios se não imprimissem.

Por vezes, faço como Oliveira Martins, e nas longas, rispidas noites do inverno asperrimo do norte, deixo-me já por casa; aconchego, embrulho-me no capote caturra de inquirições e recordações. Cogito na immensa ignorancia do povo portuguez e scismo como não vibra aqui concatenada relação entre a reminiscencia erudita e a espontaneidade ideativa. A nação ignora-se.

De modo que, verdadeiramente e no rigor do termo, não ha uma patria portugueza, porque não existe communicação affectiva entre os que sabem e os ignorantes, os quaes, entre nós, são-o por completo e em absoluto. Caberia, d'est'arte, ensinar aos portuguezes de agora o que fôram e o que fizeram os portuguezes d'outr'ora. Tal como o nosso povo rural — e quanto do urbano! — a vive, a vida popular portugueza nada tem de social; e a instituição politica só lhe revela a existencia pelos gravames dos tributos, de inicio no terrivel do sangue, mercê do serviço militar, abominado.

Nas cidades o quadro é um pouco menos desolador; porém a situação intellectiva não melhora consideravelmente. Póde, pois, em conclusão, affirmar-se que tudo está por fazer e que a um patriotismo esclarecido cumpriria encetar tarefa.

Haverá com effeito, para a nacionalidade portu-

gueza coisa mais triste assim do que esta: que o povo portuguez não leia a historia de Portugal?

Ia-me esquecendo que o povo portuguez não sabe ler.

E os tantos da percentagem reduzida que de tal dita usufruem não possuem, não possuíam livros, mórmente os arredios da residencia das grandes cidades. Assim, de Lisboa, em 1815, o auctor da *Carta em resposta a hum amigo, na qual se dá noticia da Ilha Antilia, ou de S. Borondon, ou Santa Cruz, vulgarmente denominada A Ilha Encoberta*, ao destinatario se justifica da abundancia das citações dos escriptores que traz para o caso, dizendo: «E como sei que nessa Aldeia não póde V. m. consultar os referidos Authores, e outros muitos que fallão na materia, lhe transcreverei aqui mais alguns para sua maior instrucção.»

Este anonymo sabia, além do testemunho dos capuchos, de outros mais; e ao seu remoto correspondente, alludindo a commum amigo, crente na existencia da ilha incognita, ponderava-lhe abundantamente.

E, todavia, o auctor da *Carta* não era hospede na noticia das explicações naturaes concernentes a esta ilha negaceadora, que tanto se mostrava clara quanto ao approar a ella, subitamente, se desfazia como pulverisação de sonho. Conhecia a theoria do padre Feijoo e emprega-se, mesmo, a rebatel-a. «Huma cousa tão célebre (elle escreve), e tão fóra da ordem natural das cousas, não podia deixar de ter contradictores, nem escapar á critica do celebrado Feijó, o

qual no Tom. 4.^o do seu *Theatro critico*, discurso 10. §. 10 falla nesta mesma Ilha com a denominação de Ilha de São Borondon, e que dizem se divisa da do Ferro algumas vezes em dias claros, mas por mais diligencias que se tenham feito para achalla, se não tem conseguido.»

Depois o anonymo relata as informações pelo mesmo Feijoo referidas, do doutor D. João Nunes da Penha, baseadas nos papeis antigos em poder do Capitão Bartholomeu Romão, e que diz tambem que Thomaz Cornelio, em seu *Diccionario Geographico*, se inclina a acreditar a existencia de tal ilha, mas que ambos esses escriptores procedem sobre a fé de Linschot, auctor de uma descripção das Canarias.

«Refuta porém Feijó (prosegue) esta opinião, e diz, que a representação da Ilha póde acontecer, ou por effeito de vapores exhalados de mineraes, que existão naquelle sítio debaixo das aguas, ou por meio de huma nuvem especular, que representa como em hum espelho os objectos, como acontecêra no caso que refere de Marselha. Não convence porém este famigerado crítico a existencia da referida Ilha, antes pelos mesmos Authores que produz, fica convencida a sua opinião; porque confessando elle que a informação tirada na Ilha do Ferro he o documento mais juridico que tem encontrado sobre este assumpto; dizendo-se nella que o Sol se esconde ao pôr-se por huma ponta da dita Ilha, he evidente que isto não podia figurar-se, nem pelos vapores de mineraes, nem pela nuvem especular; mas sim que o corpo sólido da ponta da mesma Ilha,

impede os raios do Sol para a parte opposta, e faz que o mesmo Sol se esconda, e não deixe ver.»

Nos nossos modernos dias, propondo-se para objecto de um seu estudo o thema das ilhas phantasticas do Atlantico na Edade-Media, o snr. Paul Gaffarel diz que a lenda christã da ilha das Sete-Cidades teve uma grande retumbancia n'aquelle cyclo e contribuiu para fazer voltar a attenção publica para os mares occidentaes, onde já alguns sabios concordavam em encontrar o sitio do Paraizo Terreal. Contava-se, com effeito, que na epocha da conquista da Hespanha pelos arabes, após a derrota de Xérez-de-la-Frontera, e o desapparecimento do rei wisigodo Roderick, sete bispos, sob a direcção d'um d'entre elles, o arcebispo do Porto, se embarcaram, seguidos de suas ovelhas, e se abandonaram a seus destinos. Após longa navegação, abordaram a uma ilha incognita e ahi se fixaram, tendo previamente queimado seus navios. Como eram sete e pois que cada um d'elles se construisse particular residencia, a ilha tomou o nome de a ilha das Sete-Cidades.

O snr. Paul Gaffarel declara que se comprehende mui bem que aquella lenda se tivesse fielmente conservado nas populares recordações, e mesmo que com o tempo houvesse sido embellezada e augmentada. Prestes, na verdade, já se não acontentaram com mencionarem a existencia da ilha mysteriosa; pretendeu-se havel-a reencontrado.

Mostra Gaffarel como mesmo depois da descoberta da America ainda Fernando Colombo, na vida do al-

mirante, acreditava na existencia d'essa ilha; e, de feito, constatando que o auctor de sua edição visara a despertar as ambições com o perrexil da areia do ouro dos grumetes na limpeza dos utensilios de cosinha, Eugène Muller annota que a concisão lhe não é o merito principal.

Da ilha das Sete-Cidades noticia o snr. Gaffarel que houve quem acreditasse que ella se tinha reencontrado em São-Miguel, uma dos Açores. Na extremidade oriental d'esta ilha estende-se um valle, de cerca de tres legoas quadradas; similhante a uma immensa caldeira, é uma antiga cratera, segundo a auctoridade, a que Gaffarel recorre, de d'Avezac, em obra onde este se propoz tractar a fundo do problema de San-Borondon, deixando-o liquidado de vez.

Na verdade, da enigmatica ilha, registra caracteres especificos o snr. d'Avezac, em o estudo que ácerca das ilhas africanas do oceano atlantico lhe pertence na collecção sobre as Ilhas d'Africa, com a collaboração de Froberville, Frédéric Lacroix, F. Hoefler, Mac Carthy e Victor Charlier, para a collecção maior, d'esta comprehensiva, do *Univers*, da casa Didot. Ahi estabelece elle que todos os desenhos, todas as narrativas concordavam em apresentar a ilha de San-Brandan como alongada do norte para o sul, e formada de duas cristas deseguaes (das quaes a mais alta está ao norte), tendo entre ellas uma depressão consideravel, que, vista a oculo, parecia coberta de arvoredo. De resto, unanimemente se reconhecia que a ilha,

no seu conjuncto, offerencia uma perfeita similhança com a da Palma.

E d'Avezac remata, em clamoroso triumpho : « Ahi está precisamente a palavra do enigma : a apparição de Saint-Brandan não é outra coisa mais do que o phenomeno explicado por Monge ao exercito do Egypto ; é um effeito de miragem, é a reflexão da propria Palma por nuvens speculares amontoadas ao noroeste ; é a fada Morgane que ludibria a credulidade da gente das Canarias, e cuja caprichosa varinha cria ou destroe as illusões d'optica que a tantas decepções a levaram.»

Este snr. d'Avezac empregou-se, desairosamente, a contestar a primazia das glorias navegadoras dos portuguezes, mas sabia perfeitamente forragear pelas searas ibericas, propondo como coisas suas á Europa central o de que se apossava arditosamente dos nossos bens, que elle conhecia melhor do que seus consocios. Assim acontece com esta explicação empirica, onde a d'Avezac só pertence de proprio a intercalação do nôme de Monge e a anecdotia do Egypto, não attento ao divergente contraste das imagens invertidas, quando o lance aqui é outro, e esse do phenomeno, simplesmente analogo, que muitas vezes se apresenta á beira do mar, mas em condições differentes do a que precipitadamente d'Avezac se reporta : a columna d'ar que tem a sua base sobre o solo póde ser relativamente mui quente em relação á que se apoia sobre o mar ; n'esse caso, a superficie de separação dos dois meios é um cylindro vertical e a miragem produz imagens direitas.

O resto é tirado de nossos hespanhoes, até a propria litteratice da fada Morgane. Já é miseria. Essa pedinte litteratice lhe foi suscitada pela passagem do padre Feijoo, no *Theatro Critico*, trasladada por aquelle a quem d'Avezac directamente despoja, quando Feijoo falla de dois phenomenos celebres que desempenharão o que parece paradoxo e é o por elle affirmado, de que, ainda quando imprimisse nos olhos perfeita imagem de ilha a que se via da do Ferro, não se inferia d'ahi que realmente o fôsse. D'esses dois phenomenos celebres, «el primeiro es una apariencia que los moradores de la Ciudad de Regio en el Reyno de Napoles llaman *Morgane*»; o segundo dos alludidos phenomenos, apontando a suggestão explicadora do Padre Feville, mathematico da Academia Real das Sciencias de França, suscitaria o exame de espontaneos embargos á iniciativa plenaria ulterior de Monge.

Porém d'Avezac não esteve para tanto; o padre Feijoo rematara, escrevendo: «Asimismo puede suceder que la Isla descubierta desde la del Hierro, no fuese mas que una imagen de esta (mas ó menos clara, mas ó menos confusa) impresa en alguna nube especular á cierta distancia.» E, em suas *Noticias de la historia general de las Islas de Canaria*, o padre Joseph de Viera y Clavijo corrigira ao seu confrade, que transcrevera: «Pero si hemos de entrar en la opinion de que la Isla de *San Borondon* puede ser imagen de alguna de las otras, nosotros que tenemos mas conocimiento de la figura, con que se nos repre-

senta, debemos preferir para este effecto la Isla de la *Palma* à la de *Hierro*. »

E' certo que Clavijo logo mostra quanto esta explicação tem mais de brilhante do que de solido; é certo que logo tambem de seu leitor inquire: «¿Què seria,, si la tierra de *San-Borondon*, que se ha reputado hasta ahora por incognita è inaccessible, viesse à parar en ser uno de los paises mas conocidos y frecuentados?» Afoito, conclue pela sua explicação propria: «En efecto, lo que no ha alcanzado à satisfacer la reflexion de una Isla en una nube especular, acaso lo conseguirà la refraccion en la atmosfera, de la tierra que menos se imagina.»

E, depois de se reportar dos philosophos e mathematicos que teem explicado com clareza como por um effeito da refração da luz se podem ver muitos objectos que sem este accidente não se veriam, Clavijo interpella-se e interpella-nos: «¿En este supuesto, por què no se ha de aventurar la conjetura de que todo el mysterio de las apariciones de *San-Borondon* consiste en las refracciones de las cumbres de algunas tierras distantes, situadas mucho mas allà de nuestro horizonte visible, en aquellos dias en que la atmosfera que las baña, adquiere algunos aumentos de densidad? En efecto, el Oest-Nor-Oest que suele reynar, quando se divisa la tierra de *San-Borondon*, es uno de los vientos mas humedos y frios de nuestro clima. ¿Pero què tierra, vista por refraccion, puede ser esta? Aqui estriva la dificultad, y el paso mas osado de la conjetura. ¿Será acaso *San Borondon* alguna

parte de la America Septentironal? ¿Será alguna de las cumbres de los montes *Apalaches* en la Florida, los quales están situados en nuestro mismo paralelo? La refraccion da para rodo. Sin embargo, modere-mos esta demasiada libertad de pensar, y contente-mo-nos con una tierra menos distante que la America. La Isla de *San Antonio*, la mas al Norte de las de Cabo-Verde, dista de la del *Hierro* poco mas de diez grados; y aunque que esta parezca todavia mucha distancia, y en realidad lo sea ¿quién sabe si sus cum-bres hallarán á veces el ayre dispuesto de manera que sufran una refraccion portentosa? El que quisiere saber qual es el efecto engañoso de las refracciones en orden à los objetos terrestres, consulte al célebre Matematico *Mayer*.»

Não o consultou d'Avezac, ou consultaria, e não lhe agradou a hypothese de Clavijo; porém, a do padre Feijoo, revista pelo mesmo Clavijo dito, n'este proprio encontra objecções sensatas e ponderosas. Pouco se lhe deu com isso; e como que fechou capitulo com a aproveita da explicação do presbytero do bispado das Ilhas de Canaria; jubilaria.

Assim foi por esta laia que os seus apaniguados viajores precederam os nossos portuguezes em suas descobertas; o que lhes revindica prioridades herda-ra-lhes, porém, as manhas extorquidoras, já devida-mente revistas e castigadas devidamente, aliás.

Mas, verdadeiramente, a ilha onde se encobriria D. Sebastião, a dar tempo ao tempo... das prophecias, como que não era cousa terrena, e do nosso defeituoso mun-

do não era, não; sim a modo de celeste recesso, menos na grosseira e tosca imperfeição das coisas creadas do que no incoercível, limpido e casto do pensamento puro.

Lá vivia, em penitencia; de lá viria a realizar a monarchia universal do Christo; elle seria o braço armado da Egreja Romana; e da Egreja Romana o coroaria Imperador do Mundo o Papa Angelico.

«O Papa Angelico (diz D. João de Castro) futuro contemporaneo Del Rey Nosso Senhor, constrangido polla tribulaçam grande que se erguerá na Igreja, desampará Roma & fugirá para França, ou para os Reynos seus comarcãos, indose emfim refugiar a Portugal... No qual por expresso mandado de Deus coroará por Emperador a El Rey Dom Sebastiam, traspassando o Imperio de Alemanha aa Casa Real de Portugal.»

Explica D. João de Castro, adeante, quem seja o Papa Angelico: «O Papa Angelico de que fallamos a cima he um santissimo Personagem nomeado assinalgúas profeçias, do qual ha muytas, dizendo todas delle admiraves virtudes, & prodigios que fez por seus discipulos, elegendoho para o summo Pontificado, na proxima & grande tribulaçam da Igreja, na qual pa-deçerá muyto polla grande scisma que entam averá: mas prevaleçerá no braço de Deos, cuja Casa admiravelmente & com muyta doçura reformará: reduzirá a ella os desviados: fundará a memoravel Liga: & Evangelizará pollo Vniverso com grande resplendor de milagres. Na coroaçam do Emperador Dom Sebastiam

Nosso Senhor, o coroará com coroa de espinhos, por elle mesmo nam querer que seja com a douro, senam com atal, por reverencia & memoria de Christo: pedindo isto muy afincadamente a sua Santidade, que por condescender com seu santo zelo & humildade, lho otorgará. »

Está tudo muitissimo bem; sómente, D. João de Castro esquece-se de que fundamentara na famosa prophecia dos papas e de que, intervalladamente, ainda faltavam então muitos papas a preencher o solio pontificio antes que a vez chegasse ao Papa Angelico; elle se reportara de « Escala sobre as profecias dos summos Pontifices que commentou por mandado de Pio Quinto. »

Pois se ainda agora mesmo afastados nos topamos do Papa Angelico! Como quer que fôsse, se a quando da divisa *Lumen in ccelo*, no estudo recente do rev.º Joseph Maitre, se estava longe do Papa Angelico, d'elle a que grandissima distancia se encontravam então os coevos de D. Sebastião e os seus fieis mais proximos consecutivamente a seu desastre e perdição!

Porém d'outras origens emergiam, em sua expectativa, e não hesitavam, mesmo, em embarrar pela heresia quando, como D. João de Castro, de inferencia em inferencia, chegavam até o mysterioso Joachim de Flora e, de seu ensino reformador descahindo, se mergulhavam na contemplação fixa do fim-do-mundo, que succederia ao periodo de justiça catholica realisada no Imperio Universal d'esse D. Sebastião Salvador, pelo Papa Angelico coroado.

Estas idéas de felicidade plena e de absoluta extincção são solidarias e encontram-se sempre pegadas, assim nas cosmogonias como nas utopias sociaes. Oriundas da lei universal da opposição dos contrarios, ellas concatenam-se na doutrina das revoluções periodicas, que deveu um engenhoso relance a Pierre Leroux, o philosopho da Humanidade, modernamente rehabilitado do injusto desprezo coevo, e a quem chegou a hora do maximo da gloria humana: artigo laudatorio na *Revista dos Dois-Mundos* e estatua, de inauguração official, pelos senhores ministros, na aldeia de seus afans. Essas idéas, explicou, pois, Pierre Leroux que tinham um fundamento astronomico, visto como assegura que cumpre reconhecer, com effeito, que, desde a mais alta antiguidade, o periodo de seiscentos annos que reconduza o sol e a lua aos mesmos pontos do céu fôra conhecido. Não só Beroso d'elle se serve como d'um cyclo astronomico que existia de tempo immemorial entre os chaldeus, mas hoje em dia podemos dizer que a altissima antiguidade d'esse periodo está attestada não só pelo *Genesis* de Moysés como por um dos mais vetustos livros da India, o *Dharma Sastra*, de Manu. Ufana-se Pierre Leroux de haver provado, em bôa verdade, que os famosos periodos indianos (da mesma maneira que os periodos chaldaicos, da mesma maneira, finalmente, que o calculo dado por Moysés, ou o que se chama a éra do mundo antes de Noé e a éra dos patriarchas) teem por fundamento commum esse periodo astronomico de seiscentos annos denominado *Néros* pelos chaldeus, e que

Josepho designa sob o nôme de *anno grande*. Aquĩ annota, especificadamente, Pierre Leroux, em uma de suas obras basilares, que Josepho, fallando dos patriarchas, diz que a sua longa existencia entrava nos projectos de Deus sobre a humanidade; porque, addita elle, « elles não haveriam podido — a isso não ser — conhecer com segurança o movimento dos astros, se houvessem vivido menos de *seiscentos* annos, attendendo a que é n'esse espaço de tempo que se cumpre e satisfaz o *anno grande*. » Portanto, ha que attribuir ao acaso a relação evidente e certa que existe entre todas essas supputações da antiga philosophia numerica vigente nos differentes povos, ou então ainda força é negar a antiguidade do livro de Manu e do *Genesis*, se se não quizer reconhecer que, desde a mais alta antiguidade, esse cyclo de seis seculos, marcando o regresso do sol e da lua aos mesmos pontos do céu em relação ás estrellas fixas, era conhecido.

Mas, independentemente das tradições chaldaicas de Beroso, do *Genesis* de Moysés e do *Dharma Sastra* de Manu, professa Pierre Leroux que nós temos uma outra prova da antiguidade d'esse cyclo na *semana*, ou em esse setimo dia, esse dia de repouso, consagrado a Saturno nas antigas religiões que se reportavam do culto de Saturno, e consagrado a Jehovah na religião de Moysés. Porque a semana (ensina-o) não é tão só uma divisão do mez em dias; a idea de *periodicidade*, de *restabelecimento*, de *palingenesia*, n'uma palavra a idéa d'um regresso periodico está fortemente esculpida em essa semana composta de seis dias seguidos

d'um *dia de descanso*, ou do que Moysés chama um *sabbat*. Na realidade, a celebração do setimo dia da semana, como symbolo da criação (*Exodo*, 20, 11; 31, 17), remonta para antes da legislação mosaica. *Lembra-te de santificar o sabbat*, diz o decalogo, e na historia do maná onde, pela primeira vez, se versa a questão do repouso do sabbat, parece egualmente que d'isso se falla como de coisa conhecida (ib., 16, 23). Sabe-se que, segundo o *Genesis*, Deus em pessoa sanctificou o setimo dia e o abençoou; porque, explica S. Munck, o Creador *cessara* (SCHABATH) sua obra; por isso esse dia é destinado, primeiro que tudo, á *cessação* do trabalho e ao *repouso*; d'ahi é que elle se chama *Schabath* (*cessator*). De sua banda, prestes se propõe Pierre Leroux mostrar a immensa influencia d'essa idéa d'um regresso periodico após seis dias ou em geral seis epochas.

Mas, d'onde viria aos antigos esse conhecimento tam preciso d'um facto astronomico que deveria ter exigido assás de cogitações? Será força explicar tal descoberta pela prodigiosa antiguidade que os chaldeus se attribuiam? A dar-lhes credito, elles subsistiriam em corpo de nação de havia quarenta e sete mil annos já quando foi que veio Alexandre, e andavam a estudar o céu desde um numero consideravel de seculos a essa parte. Inquire, de si-mesmo, Pierre Leroux se cumprirá acreditar que, na mesma como as linguas e uma multidão de noções fundamentaes, «seria um legado esse á nossa humanidade feita por essa humanidade primitiva, á existencia da

qual todas as descobertas dos eruditos veem rematar? » No lance, pouco lhe importa, de resto, essa questão das origens. Explana elle que o que é certo, é que a idéa de *regresso periodico* após um tempo percorrido, ou seja nos phenomenos geraes do céu, ou seja nas coisas terrestres, era uma idéa dominante desde a mais alta antiguidade.

N'este suggestivo debate, ponto marcado de averiguação exacta é o fixado pelo sabio Goguet, quando registrou que o illustre João-Dominico Cassini fôra, a seu aviso, aquelle primeiro que notado houvesse o merito do *néros*. E' elle, ao parecer d'esse grande astronomo, um dos mais bellos periodos que se haja jámais inventado, de que resulta que os annos solares dos chaldeus eram cada um de 365 dias 5 horas 51 minutos e 36 segundos. Esse periodo faz-nos conhecer ainda que os astronomos da Chaldea haviam determinado, com differença de um segundo, a duração do mez lunar tam exactamente como os astronomos modernos o poderam fazer. Com effeito, 600 annos de 365 dias 5 horas 51 minutos e 36 segundos compoem 7:421 mezes lunares, dos quaes cada um d'elles é de 29 dias 12 horas 44 minutos 3 segundos menos 7 terceiros e 18 quartos. Deve-se, pois, considerar os 219:146 dias, ou (o que vem a dar na mesma) os 7:200 mezes solares que formam o periodo em questão, como equivalendo precisamente a 7:421 mezes lunares. Ora, é a esse espaço de tempo — pondera Goguet — que se póde fixar a epocha do regresso do sol e da lua aos mesmos pontos do céu. N'uma pala-

vra, o *néros* dos chaldeus — remata — era, em relação aos mezes solares e aos mezes lunares, exactamente o que é o *periodo victoriano* em relação ao *aureo numero* e ao *cyclo solar*.

Facto é que muitos seculos após essa alta antiguidade de que discorrera, Pierre Leroux frisa que os astrónomos da antiguidade média, os Meton, os Eudoxio, os Ptolomeu, continuavam a occupar-se do calculo d'esses *periodos de restabelecimento*, d'essas *idades do mundo*, d'esses *annos grandes*, como lhes chamavam. Assim, imaginaram inquirir em que volta periodica não sómente o sol e a lua mas ainda os planetas deviam reencontrar-se precisamente nos mesmos pontos do céu. Eis outro periodo de que frequentemente seja questão nos escriptores gregos e latinos. Cicero, Servio, Macrobio informam-nos de que a duração d'esse periodo, após haver muito e muito occupado os mathematicos, quedara ficando sendo um problema. Cicero diz que o valor d'esse *anno grande*, procurado pelos mathematicos e pelos astrónomos, era uma questão longamente controvertida. Macrobio dá a similhante periodo quinze mil annos. Servio, após haver citado uma passagem de Cicero, tirada do livro, hoje perdido, que tinha por titulo *Hortensius*, e onde essa revolução do sol e dos planetas é avaliada em mais de doze mil annos, accrescenta que os sabios, e o proprio Cicero, teem variado no assumpto; mas não se encontra, hoje em dia, no tractado *De Deorum natura* o trecho de que Servio quer fallar. No dialogo *De Causis corruptæ Eloquentiæ*, por uns attribuido a

Cicero, por outros a Tacito ou a Quintiliano, o anno grande estima-se em doze mil e oito centos e cincoenta e quatro annos. Ha ainda nos antigos auctores muitas outras computações, variadissimas, d'esse periodo. Em Censorino, *De Die natali*, c. 18, se lhes pode vêr a resenha.

Mas quando os sabios da antiguidade media se entregavam a estas investigações exactas, assás de seculos haviam decorrido já desde que, apoderando-se d'aquelle simples dado do cyclo de seiscentos annos, a imaginação dos antigos havia sonhado uma especie de astrologia judiciaria ou de sciencia cosmologica, estendendo-se á obra de Deus plena e inteira, ceus e terra. A idéa de *periodicidade*, de *restabelecimento*, de *volta*, de *resurreição* de todas as cousas era a idéa principal e caracteristica d'essa astrologia. O mundo, como a phenix (comparativamente desenvolve Leroux), não devia acabar senão para renascer. Da mesma maneira que o sol e a lua voltavam, após seis seculos, aos mesmos pontos do céu, na mesma, após certos periodos, sobre esse calculados, o mundo devia recommençar uma nova vida.

Consequentemente, é uma derivação da antiga cosmologia (de que fez objecto de seu estudo) para Pierre Leroux «aquillo a que se chama *o fim do mundo* ou *a consummação final*, seguida de *resurreição*, ou, como diziam os Apostolos de Jesus, d'uma *palingenesia* geral, d'um *refrescamento* universal, sob os auspicios d'um *rei* ou d'um *messias*, d'um propheta ou d'um typo enviado por Deus para esse effeito.»

Este rei pode ser, mesmo, colectivo; porque não pode ser um povo, Portugal? Não o foi já outro povo, Israel?

Como os demais nossos antigos, Pedro de Sousa Pereira, em seu *Mayor triumpho da Monarchia lusitana*, se firma nas transcendentales palavras typicas do juramento de Ourique e assignala para Portugal a «semelhança cõ o povo de Israel, de que se lhe transferio o dominio». Poisque «o reyno de Portugal é de eleição divina e succedeo a Israel, que o perdeo por seus peccados, e se deu ás gentes que fizeram fructo n'elle de estender o nome de Deus até o Iappão, que he o outro polo, cõfirmãdo nossa santa fé com suas vidas, a pezar de tãtos encontros dos infieis, e riscos do grãde Oceano.»

Todavia, nos adustos plainos de Alcacer-Khebir Portugal cahira, com universal estrondo, e por morto universalmente o deram; os seus mesmos naturaes, na desesperação de seus lamentos, por morto o confessaram.

E' certo que, em sua fé, o crente tem que, da morte, o Christo resuscitou; e, de sciencia, o profano sabe que tambem da morte os povos resurgem, como as nações grega e italiana agora mesmo o testificam e attestam.

Assim tambem, amortalhado e morto, consoante em luzente, funebre painel nol-o os nossos o amostraram, assim tambem haveria de resuscitar Portugal verdadeiro? E resuscitado o teriamos de ter, de verdade?

IV

O RESTAURADO

Amortalhado e morto, não cuidou Luiz de Torres de Lima que pudesse Portugal resuscitar; e dos vaticínios que acaso o agourassem escarneceu.

No fecho de recriminações, disse: «Pelo pouco conhecimento d'estas verdades, veio a acabar o reino dando na mais lamentavel ruina que podia ser, que a lembrança d'ella duraria por centenas de annos, não se podendo, por nenhum modo, soldar quebra tam grande com esperanças tam falsas; e, por assim ser, se mandou enterrar em um reino estranho (aonde mais inveja se lhe teve), para que não houvesse parvões que, com prophecias falsas, operassem essa resurreição sem fundamento algum, e por aqui se houve por desobrigado o Encoberto a se descobrir, senão no ultimo dia universal dos mortos, conformando-se com a vontade divina, que sempre dispõe o mais acertado, quer seja

mando de misericórdia quer de justiça, que tudo redunde em gloria sua e em proveito universal, não convido á sua sabedoria divina curar chagas tam pôdres senão com remedios tam asperos.»

Todavia, a resurreição deu-se. De Nantes, dedicando-o a dom Vasco Luiz da Gama, em volume idoneo, a acclamou, seu capellão, frei Manoel Homem (Fernão Homem, de Figueiredo): *N'este livro te offereço (benevolo leitor) a resurreição da monarchia portugueza*. Pela palavra, o titulo da obra é *Resurreiçam de Portuyal*. Mas, falsa e apparente resurreição essa. Assim, ninguem outrem se atreve a prostituir o vocabulo, com tam abusiva applicação. Busca-se um succedaneo, menos remontado, mais accomodado. Encontramol-o no doutor Gregorio de Almeida, ulyssiponense.

Aqui não é *Resurreição de Portugal*. Se bem que, naturalmente, de maravilha ainda, todavia era tão só: *Restauração de Portugal prodigiosa*. Também aquelle ulyssiponense nascera em Leiria; em vez de Gregorio de Almeida, chamava-se João de Vasconcellos; e foi, de seu natural, jesuita. A sua obra estava *offerecida ao senhor rei D. João o IV*.

Houvera, pois, parvos que acreditaram em prophcias falsas. Falsas, não discuto. Falsificadas, lembro-o.

O propheta das esperanças nacionaes, no captiveiro portuguez, fôra — lastima é dizel-o — Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro de sua profissão, mas pessoa rude e inculta, «hum homem que parecia mais para ser

ovelheiro do que para fallar alguma palavra de razão natural », segundo o depoimento do christão-novo João Fernandes, preso nos carcerees da Inquisição, e testemunha no processo do propheta.

Ora, o que mostrava, indisputavelmente, que se não houve por desobrigado o Encoberto a se descobrir, antes, com effeito, se descobrira, manifestara e apparecera, era a famosissima trova do Bandarra (que o nosso portuense Antonio de Sousa de Macedo quer morto, segundo a maioria, por 1550) do typo originario :

Saia, saia, esse infante,
 Bem andante ;
 O seu nôme é Dom João.
 Correr-lhe-hão o pendão
 E o guião,
 Poderoso e triumphante.
 Vir-lhe-hão novas n'um instante
 D'aquellas terras prezadas,
 As quaes estão derramadas
 E declaradas
 Por seu rei d'alli a deante.

Poderia querer-se coisa mais clara?

«N'estas primeiras («trovas») prophetizou Bandarra, em termos tam frisantes como claros, a famosa acclamação do senhor D. João 4º., annunciando-o, um seculo antes, pelo seu proprio nôme, assim como Isaias (guardada a devida proporção) havia, dois seculos antes, annunciado a Cyro.» (*Bandarra descoberto nas suas trovas*. Londres, 1810).

Mais diaphano se pretenderia o cristal?

Saia, saia, esse infante,
Bem andante.
O seu n^ome é Dom João.

Isto é: o duque de Bragança, agora Dom João IV. Assim, asizadamente, dos vaticínios de que vem recheado o livro do pseudo-doutor Gregorio de Almeida, ulyssiponense, assevera Innocencio Francisco da Silva que «de certo fôram n'elle colligidos com a intenção de roborar a fé dos portuguezes, e apoiar a restauração de 1640, mostrando-lhes em D. João IV o verdadeiro Encoberto, predestinado por Deus para remir o reino.»

De certo? Não ha duvida nenhuma.

Sómente...

Sómente?

Sómente, aquelles versos do propheta Bandarra eram uma audaciosa e escandalosa falsificação do verdadeiro e primitivo texto.

O Bandarra não dissera :

Saia, saia, esse infante
Bem andante ;
O seu n^ome é *Dom João*. Etc.

Mas sim :

Saia, saia, esse infante
Bem andante ;
O seu n^ome é *Dom João*. Etc.

Alteração pequenissima. D'uma lettra só, apenas um F para um J. Pia fraude!

A trapaça foi, de resto, bem urdida, porque nos manuscriptos onde apparecia a exacta licção de Bandarra ella era dada como uma viciação de copistas ignaros ou fanaticamente sebastianistas. A estes se lhes punha a culpa, na esteira da insinuação da edição de Nantes, do anno de 1644, *chez* Guillelmo do Monnier. A dentro d'estes contos um tanto largos, no lance registre-se a repetição que deparamos produzida por Antonio Velloso de Lyra, «theologo, natural da grande ilha da Madeira», no seu *Espelho de lusitanos em o cristal do psalmo quarenta e tres*. Após allegar outras varias prophecias, a bem de seu proposito brigantino, diz: «Não ficará com inferior logar em estes vaticinios o nosso famoso Gonçalo Eanes Bandarra, pois, depois de muitas cousas, tão admiraveis como verdadeiras, teve duas particularidades notaveis, e fôram o apontar o nôme do esperado, d'este modo:

Saia, saia esse Infante bem andante;
 Seu nôme é *Dom João*,
 Tire e leve o pendão e o guião,
 Poderoso e triumphante.

«Os Sebastianistas do J. fizeram F., dizendo por João, Foão, por não excluirem seu amoroso zelo.» Etc.

Não ha tal. Os Bragancistas é que do F. fizeram J., dizendo por Foão, João.

Na verdade? Na verdade.

O segredo estava n'um cartimpacio, *publicado em 1603* por Dom João de Castro, e que é a primeira impressão das prophecias de Bandarra. Mas esse impresso desapparecera quasi totalmente. « Os exemplares são tam raros (escreve Innocencio) que ainda não achei memoria de algum existente em local designado. »

Foi uma destruição completa. A partir do Portugal restaurado, nunca mais ninguem viu rasto sequer da estampada *Paraphrase et concordancia de algumas prophecias de Bandarra, çapateiro de Trancoso*.

Até que subitamente me apparece no Porto um exemplar, talvez o *unico* restante d'esta obra condemnada. Em Março de 1901, sahia, sob minha revisão, uma reprodução *fac-simile* d'essa raridade ultra-rara. A actual edição termina-se por uma noticia bibliographica de minha lavra. Vá de réclame. Innovemos. Ao elogio-mutuo succeda o elogio-proprio.

Ora, a pag. 113 (*capitulo doxeno*), lá surge o texto exacto:

Saya? Saya esse Infante

Bem andante?

O seu nome he Dom foam. Etc.

Curioso resulta agora lêr o idoneo commento de Dom João de Castro, ferrenho, patriotico visionario infeliz, longe da patria e em miseria extincto.

Illibem-se, pois, os sebastianistas; não lhes cabe o labeu que se lhes assacou. E o frade da *Resorreiçam de Portugal*, por intermedio do impressor, Guil-

lélmo do Monnier, duplamente mescambilha quando, á sombra da ambiguidade da exotica incorrecção typographica, pondera: «Custume he dos Vatiçínios Poeticos trocarem os nomes das pessoas, e fazerem nelles alguã mudança, e alteração. Vê-se em Bandararra, qual falando do Encoberto diz. O seu nome he Dom João. E conheçidamente, he do João, porque o F. antigo, parecia J. »

Porque o F antigo parecia J.

Ah Manoel Homem! Dominicano! Quem te não fez jesuita, alma do diabo?!

Na edição de Nantes, em 1644, das trovas do Bandararra, annota-se, *a quem lèr*, segundo a pessima reproducção do Porto, de 1866: «Vão os Versos numerados, e rubricados para maior clareza, e distincção. Deve-se porém advertir um grande mysterio, que está no Verso LXXXVIII. aonde diz. — O seu nome he D. João.— Lião muitos.— O seu nome he de D João; — mas os mais antigos usavão de huma letra J, que parecia ser a letra F. Quiz Deos, por nosso bem, que no ler houvesse differença. »

N'uma hermeneutica cujo intuito se aventá de golpe, convem não permittir que circule sem o miltar o engano de Innocencio quando attribue á obra da *Ressorreçam de Portugal*, por Manoel Homem, a qual não traz data de impressão, a de 1642. Não pode ser menos de 1644, porque, a pagina 106, se lê o seguinte: «Quem com mais particularidade, quizer vêr as grandezas de Portugal e suas proezas, e victorias destes tempos, lea o livro, que se intitula, *Françia interes-*

sada com Portugal, aonde o seu Author escreve todas, com verdade, e com eloquencia; e com gentil estillo Castelhana, manifesta hum grande e fiel animo Portuguez, e não podia ser menos, pois certo he o Proverbio Portuguez, que dis. Dise-me com quem trata. Etc. »

Este auctor assim elogiado era Antonio Moniz de Carvalho, secretario que foi das embaixadas de D. João IV ás cortes de França, Inglaterra, Dinamarca e Suecia; e o livro apontado sahiu em Paris, por Miguel Blagerat, em 4.º, em 1644. Feita esta rectificação, todos os textos agora se coadunam, e as varias publicações jogam umas com as outras.

É difficil admittir a deturpação proposital do texto primitivo de Bandarra, commettida adrede por D. João de Castro; diversificadas rasões se ajuntam para o suppormos innocente de corruptelas ahi onde elle se entrega a acrobatismos extremos no fito de reduzir ao serviço da sua chimera textos rudemente refractarios, quando expeditivo aliás seria o forjar vaticinios adequados. Mas as trovas do sapateiro de Trancoso andavam, por multiplicadas copias, em innumeras mãos; e o embuste, descoberto, não redundaria no proposito que se tinha em mira.

Ha, de resto, sobre estas inducções genericas, duas provas contestes da fidelidade reproductora de D. João de Castro.

No artigo respectivo do *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, «Encyclopedia das Encyclopedias», o dr. Alvaro Rodrigues d'Azevedo, seu auctor,

combate a opinião de Innocencio Francisco da Silva quando este considera a *Paraphrase* de D. João de Castro como primeira edição das trovas de Bandarra, o que tem por inexacto, porquanto presume aprocriphas, como o rememorei na minha reedição da *Paraphrase*, as trovas n'esse livro contidas.

No meu postfacio, observei, porém, que facto é que no traslado pelo dr. Theophilo Braga feito do processo do Bandarra, se encontra a declaração de alguma das trovas do mesmo, como a pag. 412, quando diz, no processo do Santo Officio:

«Um grande Leão se erguerá
E dará grande bramido,
Seu brado será ouvido,
A todos assombrará!
Correrá e morrerá
E dará grande bramido (bis)
.....
E fará mui grandes damnos,
Grandes reis dos arianos
A todos sojugará.»

Aqui intercalo o que lá me escapou e é que o dr. Alvaro Rodrigues d'Azevedo, no seu artigo *Bandarra*, escreveu como segue: «O *livro* ou *caderno das trovas*, que no processo algumas vezes se declara presente á occasião do julgamento, já não está junto nem appenso aos autos d'elle archivados na Torre do Tombo; mas n'estes vem transcripta uma d'essas trovas, que deve sêr tida por authentica, e dá, portanto, exemplo para apreciar do genero e merecimento da obra em geral. Diz assim:

Huum grande lyão se erguera
 E dara grande bramido
 Seu brado sera ouvido
 A todos assombrara
 Corera e modera
 E dara grande bramido
 Seu brado sera ouvido
 A todos assombrara
 Correrá e mordera
 E fará muy grandes danos
 Grandes reys dos arianos
 A todos ijugara.»

Ora, na pagina 78 e seu verso da *Paraphrase e concordancia*, de D. João de Castro, consoante o especifiquei no alludido postfacio da minha reedição, temos a proxima variante:

Hum gram Liam se erguera,
 E dara grande gemido :
 Seu brado sera ouvido
 Que a todos assombrara.
 Correrá e andara
 E fara muy grandes danos.
 E os Reynos Africanos
 A todos soiugara.

No seu artigo, se bem me lembro, allude o dr. Alvaro Rodrigues d'Azevedo a outra trova authentica do Bandarra, que vem no livro de Horozco, mas accrescenta que não pôde vêr similhante livro.

Fui eu mais feliz a proposito ; o livro sahiu impresso em Segovia, por Juan de la Cuesta, no anno de 1588 ; intitula-se *Tratado de la verdadera y falsa prophesia*,

e foi « hecho por D. Juan de Horozco y Couarruuias Arcediaño de Cuellar en la Santa Yglesia de Segouia. »

A pag. 38 (capitulo XIIIII), na moldura da enquadrada margem, lê-se, — reportado o texto do da lauda: « Este çapatero de Portugal fue en Trancoso, dicho Bandarra, y auera este año de 88. quarenta y seis que murio, y dixo assi ensus trobas.

Vejo vejo do Rey vejo, vejo o estoy soñando si miente do Rey Ferñado fazer vn forte despejo, e seguir con gran desejo.

e dexar a ca sua viña,
e dezir esta casa e miña.
en que agora aca me sejo. »

Ora, no verso da pagina 21 e na pagina 22 da *Paraphrase e Concordancia*, de D. João de Castro, a trova nos apparece, abrindo o capitulo terceiro, consagrado ao Sonho de Bandarra, occupando-se o decifrador ahi do principio do mesmo sonho, onde, diz que toca summariamente o argumento de todas suas visões:

Veio : vejo : direi ? Veio :
Veio que estou sonhando
Semente del Rey Fernando
Fazer tan grande despeio :
E seguir com gram desejo,
E deixar a sua vinha :
E dizer : Esta Casa he minha,
Agora que ca me sejo.

Perante esta, ainda que curta comprovação, corrobora-se o que disse no citado postfacio, e foi que a falsificação do texto originario, qualquer que elle fôsse, das trovas do Bandarra não se exercera em completo detrimento d'esse texto; mas mais em inter-polações, de que algumas são já evidentes na *Paraphrase* de D. João de Castro, e em correcções e alterações.

Muito afflicto se vê, naturalmente, D. João de Castro com o subito e intromettido apparecimento d'este rei Fernando entre as visões de Bandarra; mas esta perturbação é um testemunho da sua lealdade.

Explica como d'aqui por deante começa Bandarra a escrever suas visões, as quaes se chamam commummente o seu sonho: onde prophetisa (escreve) maravilhas para o nosso tempo, sendo seu principal thema (como elle mesmo diz, assevera) el-rei Dom Sebastião, de cujos mysterios incrediveis larguissimamente falla: juntamente da gloriosa e universal conquista de todo o Universo, de que o faz Cabeça; por cujo meio serão unidos com elle para ella os principes christãos, com os quaes o dito Senhor triumphará, até os fins da terra, de todos os inimigòs da Egreja. Prophetisa (corrobora, insistindo) da repartição do mundo entre os conquistadores; de alguns bravosos capitães da conquista; da recuperação da Casa Santa e assolamento e extincção da de Meca, com outras cousas admiraveis por vir, notados os principaes tempos d'ellas, *como no progresso da obra se vera.*

Mas, de entrada, insuperavel difficuldade embaraça o interpretador : quem é este rei Fernando ?

Bandarra « começa certificando que ve hū descendente del Rey Dom Fernando fazer hū grande despejo : que he a dita Conquista. Pollo descendente entende El Rey Dom Sebastiam, como o vay apontando em toda sua visam : e se vera bem claro no meu liuro das Propheçias.

Apos o segredo de quem he esta semente ou descendente del Rey Fernando : he logo o segundo, que Rey Fernando he este, deque ha de descender ? Em Portugal não ouve mais que hū deste nome, deque nam desçende El Rey Dom Sebastiam. Por tanto he necessario que seja algum dos de Castella, que foram muytos, de que desçende El Rey Nosso senhor por linha feminina : hū dos quaes he este que aqui poem Bandarra : mas qual delles seja, nam o diz. Quanto a mi, ou Deos prometeo a algū Rey Fernando de Castella, a elle pessoalmente, tal descendente com taes venturas : ou profetizou por algum dos seus seruos o mesmo : polla qual causa faz aqui mençam do tal Rey, para mostrar sua palaura comprida. Ategora nã tenho visto propheçia que falle neste segredo : ouvi dizer que a avia do Seraphico Sam Francisco : na qual se declara (segundo affirmam) quem he o tal Rey Fernando, de quem auia de proçeder o Principe destruidor dos Mahometanos, de que falla Bandarra. Escreve hū Author graue, que dizendo hū dia hū Mathematico a el Rey Dom Fernando o Catholico, como auia elle de ser o que auia de vencer todos os Turcos e Mou-

ros: respondeo-lhe El Rey, que elle nam: mas hũ de seus descendentes. O que, parece, disse: pollo saber dalgũa propheçia ou reuelaçam se nam foy a elle a merçe prometida.»

Não quereria, ainda que o pudesse, interpretar Castro realisticamente a passagem mysteriosa de Bandarra, pois que o successo a definir não fizera, ao tempo de occorrer em Hespanha, grande rumor em Portugal e, depois de passado na mesma Hespanha, força fõra esquecel-o. E' assim que, em nossa litteratura, — antiga, e mesmo moderna — não transparece abalisada noticia do facto, aliás momentoso, sob os varios aspectos por que examinado se presta a o ser.

Por mim, modernamente, nada vi, até hoje, com certo desenvolvimento; no artigo que, na *Revista Peninsular*, de Lisboa, em 1855, dedicou ao thema *Da nobreza de Castella* Pedro de Amorim Vianna, ahi se faz referencia sympathica á Germania de Valencia: «Todo o povo castelhano estava mui longe de gosar das franquias municipaes taes quaes as obtiveram as communas ou concelhos, como então se chamavam as povoações de villãos livres dependentes immediatamente da corõa. N'esse ponto a Hispanha pode-se gloriar de ter sido a nação em que a liberdade municipal se desenvolveu primeiro em maior escala; mas esses mesmos brios de independencia foram um motivo para que a maior parte dos reis olhassem com malevolencia os concelhos e tentassem fazel-os progressivamente definhar, até que foram suffocados completamente pelo esforço poderosamente centralizador

do reinado de Carlos v, terminando no generoso e heroico brado da *germanada de Valença*.» E, no mesmo volume, J. Felix (Henriques) Nogueira, dissertando ácerca da Hespanha e suas antigas instituições, no capitulosito vi, discorre sobre o reino de Valencia e sua germania: «O reino de Valencia foi incorporado no de Aragão desde a sua conquista por D. Jaime em 1218. A constituição d'este paiz nunca teve tamanhas franquezas como a do Aragão. A politica monarchica impediu sempre que os nobres aragonezes conseguissem unir-se, pela igualdade de privilegios, com os magnates valencianos. As cortes de Valencia compunham-se de tres braços á imitação das de Catalunha. No seculo xvi deram ellas um notavel exemplo de energia, recusando prestar o juramento de fidelidade a Carlos v, em quanto elle não se apresentasse pessoalmente a jurar as leis do paiz. Esta opposição partiu principalmente dos braços nobre e ecclesiastico. Em desforra o imperador concedeu aos *germanats* os privilegios que lhes havia tirado. A associação denominada pelos valencianos *germania* correspondia, na sua divisa e no seu objecto, ás *hermandades* de Castella. Era uma confederação armada, composta de populares, principalmente das classes fabris. Haviam elegido d'entre si trinta individuos que estavam encarregados de velar pelos interesses communs e de administrar justiça. O fim real da sociedade cifrava-se na defesa contra as violencias e vexames dos fidalgos e ecclesiasticos. Entretanto a experiencia desacreditou esta

instituição anarchica, e Carlos v, voltando á Hispanha, fez atacar e dispersar os seus membros á força d'armas.»

D'este cruel momento da hespanhola historia, por certo que o episodio mais romanescamente curioso é o do *Encubierto* de Valencia, e em tal e tanta maneira o é que, no seu faro esthetico, o insigne poeta do *Trovador* o foi rebuscar, levantando-o do pó do olvido, no fito de sensacional drama de effeito, que, uma vez realizado, não deu, porém, a Garcia Guttierrez o resultado que se lhe antolhara.

E eis como aqui, inesperadamente, nos começa a apparecer o primeiro *Encoberto*, o qual é hespanhol e não portuguez, João e não Sebastião; e eis como se divisa a explicação natural de que Fernando seria o Rei Fernando de quem Bandarra falla, pois que em seu delirio o veja.

Esse Rei Fernando é, com effeito, o rei Fernando v chamado o *Catholico*, filho de João II, rei de Aragão, e de sua segunda mulher Juana Henriquez; casou elle, no dia 19 de Outubro de 1469, com Isabel de Castella, irmã de Henrique IV, por alcunha o *impotente*, de quem aliás pretendeu herdar, pela sobrinha (a *Beltraneja* para os hespanhoes, a *excellente senhora* para os portuguezes), o rei de Portugal D. Affonso v, desbaratado pelo de Hespanha, em 1476, na celebre batalha de Toro, que foi a desforra castelhana da lusitana Aljubarrota.

D'essa sua primeira mulher Isabel, teve Fernando um filho que morreu sem posteridade, succumbindo da queda que deu de um cavallo, *corriendo en una*